RAREFEITO

André Fernando Sturmer
Marçal do Carmo

[ROTEIRO DE CINEMA]

[ ][ ]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Máquina de Escrever
editora | produção cultural

RAREFEITO

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:
Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt

Diagramação:
Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:
Clara Reinhardt Silva

Revisão:
Elys Faria Bittencourt

Revisão textual da capa:
Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

S936 Sturmer, André Fernando
Rarefeito / André Fernando Sturmer; Marçal do Carmo. ___
Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.
49 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-89-6

1. Roteiros Cinematográficos.
I. Carmo, Marçal do II. Título.

CDD: 791.4372
Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850

Máquina de Escrever
Editora | Produção Cultural
Curitiba - Pr - Brasil
Fone: (41) 98406-1935
contato@editoramaquinadeescrever.com.br
editoramaquinadeescrever.com.br

RAREFEITO

André Fernando Sturmer
Marçal do Carmo

Curitiba 2025

Sumário

Capítulo 1 7
Capítulo 2 31
Capítulo 3 59
Capítulo 4 81
Capítulo 5 101

Capítulo 1

1. EXT. CÉU - DIA

É fim de tarde e um avião cruza as nuvens de um céu vermelho, o som das turbinas aumentando até cessar enquanto ele desce.

2. INT. TÁXI/RODOVIA - DIA

Dentro do táxi estão o taxista, um homem branco de 40 e poucos anos e, sentado no banco do passageiro está um homem negro, 38 anos, barba espessa, com uma mochila enorme ao lado. Seu nome é Cristian. A estrada vai em direção à cidade.

Cristian segura nas duas mãos um cartão postal, no qual lê-se a palavra "PAI". Quando ele vira o cartão, vemos a foto de Cristian, com roupa de alpinista, apoiado em uma rocha no alto de uma montanha coberta de neve.

TAXISTA

Vai pra onde?

CRISTIAN

Eu estou indo pra casa.

TAXISTA

(olha pelo retrovisor)

Amigo, você vai ter que ser mais específico que isso.

CRISTIAN

Rua Emanuel-

Cristian tem uma crise de tosse e não consegue terminar de falar.

CRISTIAN

(tossindo)

Encosta o carro!

3. EXT. RODOVIA - DIA

O táxi para e Cristian sai do carro tossindo. Encosta-se em uma cerca de arame farpado ao lado de um terreno baldio. Tosse e cospe. O taxista, dentro do carro, inclina-se pela janela.

TAXISTA

Rapaz, eu não posso ficar encostado aqui, não.

CRISTIAN

Deixa rodando. Eu vou precisar de um tempo.

TAXISTA

Você tá vindo do Rio?

Cristian vira e encara o motorista pela primeira vez, nos olhos.

CRISTIAN

Eu estou vindo do Monte Everest.

4. INT. RESTAURANTE - DIA

A cozinha de um restaurante fechado depois do expediente.

Em 1999, o restaurante ganhou o prêmio de melhor cozinha, mas já estamos em 2016, as paredes e as panelas nos revelam os sinais do sofisticado em decadência.

No canto há uma mesa, com uma pasta aberta no meio, folhas rabiscadas e recibos soltos, uma calculadora. Sentados na mesa estão Marcos Donato, um homem branco de 40 e poucos anos e Lúcia, mulher negra de 37 anos.

LÚCIA

Marcos, quantas pessoas vieram aqui nos últimos dias? E nos últimos meses? Olha só o quanto a gente tá perdendo, por medo de não querer ir pra frente.

(olha para Donato)

A gente precisa arriscar.

DONATO

Você sabe que a gente precisa falar com o Cristian a respeito disso também... Ele também é sócio aqui. E seu marido.

LÚCIA

Ele não vai investir. Você sabe como as coisas andam entre a gente.

O celular de Lúcia então começa a vibrar, ela tira-o da bolsa e vê as chamadas perdidas de Cristian. Seu semblante escurece.

LÚCIA

Eu preciso voltar pra casa.

Donato inclina-se para Lúcia, olha para ela com carinho e beija sua boca. Tenta sorrir.

DONATO

Vai dar tudo certo. Eu te amo.

5. INT. 351 - DIA

Amanda, menina negra de 16 anos, está sentada na cadeira do tatuador. É dia lá fora, mas dentro do porão é escuro. Uma lâmpada balança por cima da cadeira. O tatuador, um homem enorme repleto de tatuagens, encara a garota, impaciente.

TATUADOR

E aí, qual vai ser?

Amanda olha para uma parede com dois desenhos: uma bela árvore trançada em raízes e uma cruz.

AMANDA

Eu não sei. Acho que a árvore.

O tatuador ri.

TATUADOR

Foi exatamente isso que a Carol falou que você ia fazer: uma florzinha. Amanda, se você quer entrar nessa, tem que entrar de cabeça. A Carol vai moer você no sábado.

(pausa)

Mas você é que sabe.

O celular de Amanda toca.

AMANDA

Peraí.

Ela pega o celular da mochila e lê a mensagem que recebeu. Desliga e guarda o telefone. Encara o tatuador.

AMANDA

Faz a cruz.

6. INT. TÁXI - NOITE

O carro está encostando no meio-fio, na esquina de uma bela casa. O motorista manobra, estaciona e vira-se para o banco dos passageiros. Cristian está olhando pela janela em direção à casa.

TAXISTA

Esta corrida é por conta da casa, amigo. Eu nunca iria imaginar que você tivesse escalado o Monte Everest.

Cristian olha para o taxímetro, que marca 82 reais. Então tira do bolso uma carteira, de lá pega duas notas de 100 reais, e bota o dinheiro no colo do motorista.

CRISTIAN

Fica com o troco.

Agarra a mochila e sai do carro.

7. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

O interior de uma casa, quase às escuras. O trinco gira e Cristian entra. Deixa a mochila num canto e descalça os tênis. Só então olha ao redor.

É uma sala comprida, confortável. Cristian não vê as coisas, mas o contorno delas. Uma mesa com uma mochila e cadernos

jogados por cima de uma toalha, frutas de cera em uma vasilha de vidro. Uma televisão grande, um sofá, um quadro na parede. Lá fora um quintal com piscina. Típica casa de subúrbio, família classe média-alta**.**

Cristian fica parado ao lado da porta de entrada, na escuridão da sala.

8. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

A família está à mesa jantando. É uma bela sala, conjugada à cozinha. A mesa, ao centro, é de um vidro polido e reluzente. Cristian senta-se ao lado de Amanda, Chiquinho em uma das pontas, perto do pai. Do outro lado, Lúcia.

Os pratos já estão praticamente vazios, a comida é chinesa, de delivery.

CHIQUINHO

Pai, teve uma apresentação no colégio, nosso grupo foi o melhor, todo mundo aplaudiu. Mas a nossa rival, uma menina de 7 anos que luta caratê, quebrou 5 barras de gelo com a cabeça.

LÚCIA

Adivinha quem ganhou?

Chiquinho sorri. Amanda encara o irmão.

AMANDA

Conta o que aconteceu depois, Chiquinho.

LÚCIA

O Chiquinho foi convidado pra fazer parte de um grupo de dança lá em São Paulo.

De novo o sorriso de Chiquinho, tímido e orgulhoso. Cristian olha para o filho.

CRISTIAN

E aí?

AMANDA

Ele disse não.

CHIQUINHO

(pausa)

Não é bom ficar longe da família, pai.

9. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE CASAL - NOITE

É a primeira vez que Cristian vê o quarto em quatro meses. Ele está deitado na cama, de costas, com o cobertor na altura do peito. As luzes desligadas. Lúcia está no banheiro e veste uma camisa. Cristian observa.

Ela vem até a cama, deita-se ao lado do marido e puxa a coberta para si também. Os dois ficam em lados opostos da cama.

LÚCIA

Bem-vindo de volta.

Lúcia vira-se para Cristian e toca no rosto dele, no seu cabelo. Ela abraça o corpo do marido. Os dois se beijam. Quando sente o toque de Cristian, da boca dele, Lúcia geme baixinho de saudade.

Ela puxa Cristian, que sobe em cima dela, automático. Ele tem os dois braços retos fincados na cama. Lúcia o beija de forma carinhosa, mas Cristian parece distante.

Fazem sexo. Tentam.

Logo Cristian desaba ao lado dela, não consegue. Lúcia engole em seco e fica olhando para o teto.

Ele levanta-se devagar, caminha até a porta e sai do quarto. Não olha para trás.

10. INT. CASA DE CRISTIAN/COZINHA - NOITE

Cristian entra na cozinha encolhido dentro de um casaco. Treme, faz muito frio na noite lá fora. Ele pega um copo de cima da pia. Abre uma portinha do guarda-louça e tira de lá uma garrafa de whisky. Enche o copo. Apoia-se na pia e bebe um gole longo, devagar, saboreando cada porção da bebida. Mata o copo, enche outro e bebe mais uma vez.

11. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO - NOITE

É um quartinho de visitas pequeno, com uma única cama de solteiro. As paredes decoradas com um único quadro de paisagem, como em um quarto de hotel.

Cristian enrola-se em um fino cobertor. Apesar do frio, finalmente dorme.

UMA SEMANA DEPOIS

12. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Muitos alunos em pé aplaudindo. É uma dessas salas de aula em declínio, com as carteiras da frente abaixo das de trás, estilo auditório. Cristian caminha para o tablado principal, acompanhado da Reitora da faculdade, uma mulher de 55 anos, finamente vestida. Ela pede silêncio aos alunos.

REITORA

Hoje é um dia muito especial para nós: é o primeiro dia do novo semestre, o início de uma nova caminhada. Porém, é ainda mais especial que isso, pois temos de volta à instituição um de nossos melhores professores, que retorna após completar um feito dos mais extraordinários.

REITORA

(pausa, aponta para Cristian)

A I.E.C., com orgulho, possui um professor de Economia que alcançou o topo do Monte Everest. E a data de hoje é ainda mais especial, pois é aniversário desse mesmo professor.

(abre as mãos)

Parabéns a você, Cristian.

Os alunos batem palmas acaloradas. A Reitora pede silêncio novamente.

REITORA

Por essa soma de feitos, Cristian, nós achamos por bem e direito que deveríamos lhe prestar uma homenagem. Queremos ter a honra de nomear esta sala, este auditório, com o seu nome.

Por cima da porta do auditório há uma toalha cobrindo uma placa. Uma pequena escada de mão está posicionada embaixo da placa escondida pela toalha.

REITORA

Só precisamos que você assine, e seu nome ficará para sempre na nossa história.

Os aplausos crescem e cessam para que o homenageado possa dizer algumas palavras. Cristian olha para as pessoas na sua frente.

CRISTIAN

Vocês todos me conhecem, eu nunca fui muito um homem de discursos...

CRISTIAN

(risadas da turma)

Pois quando era mais jovem não gostava de ouvi-los, e hoje, mais velho, não gosto de dá-los.

(pausa/silêncio)

Eu sinceramente não esperava por isso. E agradeço, a você, doutora Raquel Nizer, reitora desta instituição, pela homenagem. Eu só espero que isso refira-se a meus feitos como Economista.

(pausa/silêncio prolongado).

CRISTIAN

Pois eu sou um péssimo alpinista. E minha disciplina é Econometria II, que fique claro.

Risadas dos alunos e da Reitora. Cristian caminha até a escada embaixo da porta e sobe. Tira a toalha de homenagem, revelando uma plana de bronze com seu nome, CRISTIAN NAZÁRIO, escrito nela. Aplausos efusivos da turma de alunos e da Reitora.

Cristian desce da escada e vem assinar seu nome em uma ata da homenagem que a Reitora lhe entrega. Está tonto, seus

olhos não focalizam bem. Encara a turma na sua frente, sem enxergá-los. Não vê mais nada.

Seu corpo pende para a frente e tomba sobre o piso de madeira da faculdade, sem sentidos.

13. INT. SONHO/CASA VELHA DE MADEIRA - FLASHBACK

Uma casa velha de madeira no interior. Lá fora faz um dia de sol delirante, mosquitos entram pela janela. Ouve-se o apitar de alguma coisa, chiando.

Tudo aqui é de madeira, inclusive os móveis. Um quadro em moldura antiga, com uma mulher e um homem negros, em roupas de casamento, no alto de uma parede atrás de uma mesa. Um relógio em números romanos com uma imagem de um céu e a foto do Papa João Paulo II na parede oposta. Uma geladeira que é também um freezer. As paredes parecem ser feitas de uma única tábua serrada.

No fogão uma chaleira apita, dali vem o som. Da boca sai uma fumaça que vira vapor, que parece névoa, que esconde o que tem na parede atrás da chaleira em cima do fogão.

14. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO/ SALA DE RAIO X - DIA

Cristian, deitado em uma maca de metal frio, submete-se a exames de raio-x. A máquina passa por cima dele, tirando fotos de dentro de seu corpo.

15. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO/ SALA DO MÉDICO - DIA

Uma sequência de fotos de raio-x mostrando pulmões, contra um fundo de tela branco luminoso. O médico retira uma das imagens do suporte e encara-a contra a luz, as janelas fechadas, cortinas pesadas que fecham o quarto em si. Cristian está sentado em uma poltrona defronte a uma mesa de metal. O médico encaixa a foto no suporte novamente, senta-se na mesa, retira os óculos e então olha para Cristian.

MÉDICO

Cristian Nazário, correto?

CRISTIAN

Isso mesmo.

MÉDICO

Só preciso confirmar umas informações: você nasceu no dia...

CRISTIAN

28/07/1977

Médico olha para Cristian.

CRISTIAN

É, hoje é meu aniversário.

MÉDICO

O senhor fuma?

CRISTIAN

Não.

MÉDICO

(pausa)

O senhor tem algum histórico de doença na sua família, seu pai ou sua mãe, talvez?

CRISTIAN

Minha mãe morreu quando eu era muito jovem. Ela foi a pessoa mais saudável que eu conheci em toda a minha vida. Meu pai é um bêbado...

(pausa)

Posso te garantir que ele não tem nada.

MÉDICO

Eu soube que você esteve no Monte Everest recentemente.

O senhor notou algum sintoma que possa relatar, alguma dificuldade respiratória, por exemplo?

CRISTIAN

Com todo respeito, doutor. É o Monte Everest.

MÉDICO

Eu sou de opinião de que, em hipótese alguma, devemos suavizar uma notícia ruim ao paciente. Por isso, serei o mais direto possível com o senhor: nós detectamos uma anomalia em seu pulmão, um quadrado de 3 centímetros de altura e profundidade, que caracteriza um tumor em estado avançado.

(pausa)

Sinto muito, o senhor tem câncer de pulmão.

(pausa)

Nós precisamos começar imediatamente o tratamento com a medicação necessária.

CRISTIAN

Quais são as minhas chances?

MÉDICO

Chances, difícil dizer, não é uma coisa exata. Eu diria algo em torno de 40%.

O médico abre uma gaveta, retira um cartão e entrega-o para Cristian. Lê-se no cartão o nome de Cláudia, com a inscrição de psicóloga.

MÉDICO

Eu sei que é um momento difícil. Essa é uma excelente profissional, eu tenho certeza que ela pode te ajudar. É muito importante nessa hora ter alguém pra conversar.

Cristian não olha para o médico, mas para o cartão que acabou de receber. Guarda-o no bolso da camisa, com cuidado.

MÉDICO

(pausa)

Eu me pergunto como o senhor conseguiu escalar aquela altitude estando com câncer de pulmão.

CRISTIAN

(inclina-se para o médico)

Porque eu não estava com câncer.

16. EXT. CASA DE CRISTIAN/GARAGEM - NOITE

O carro encosta na garagem, já é noite. Cristian, dentro do veículo, encara a sua frente com o olhar vazio, perdido. Por fim, pega os exames médicos no banco ao lado e sai do carro.

17. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - DIA

Cristian contorna a parte dos fundos da casa, carregando consigo a pasta com os exames do raio-x. É uma noite de muito frio. Quando sobe o último lance de degraus, ergue o olhar e vê muitas pessoas, incluindo sua família, felizes e esperando-o.

CONVIDADOS

(muitas pessoas falando junto)

Surpresa!

Cristian respira fundo.

18. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL/ CHURRASQUEIRA - NOITE

Ao lado da churrasqueira fria há uma prateleira com garrafas de bebidas. É um canto afastado do quintal; Cristian abre uma garrafa de whisky, e serve-se um copo.

Cristian vira-se e vê Marcos Donato; seu alívio é palpável.

DONATO

Feliz aniversário. Está tudo bem?

Donato tem nas mãos um quadro de uma folha de uma árvore emoldurada. Cristian serve um copo de whisky ao amigo.

CRISTIAN

Está tudo bem. Eu estou cansado.

Donato pega o copo e os dois brindam antes de tomar o primeiro gole.

DONATO

Então, pra você, meu amigo.

CRISTIAN

Uma folha de caquizeiro?

Aponta para o quadro.

DONATO

Eu já te contei a história do meu amigo Torquato? Ele morava na mesma rua que eu, era como se fosse meu irmão, a gente fazia tudo juntos. Uns bons anos mais tarde, quando estava naquela região a trabalho, eu fui visitar a casa desse meu amigo, e o pai dele me recebeu. Foi quando soube que Torquato tinha morrido. Eu chorava muito e o pai dele me consolava. Ele me serviu um suco de caqui. E ali do quintal eu via esse caquizeiro, aquela árvore da nossa infância. Com uma folha desse caquizeiro, eu fiz este quadro.

CRISTIAN

Por que você tá me dando este quadro?

DONATO

Porque eu tive medo de perder mais um grande amigo.

Donato entrega o quadro a Cristian.

CRISTIAN

Eu não posso aceitar.

Donato apenas olha para o amigo como se dissesse: “você não tem escolha”.

CRISTIAN

É muito bonito.

(pausa)

A Lúcia, ela confia em você...

DONATO

Espero que sim, a gente trabalha junto.

CRISTIAN

Não é disso que estou falando. Eu estou dizendo que ela se sente à vontade perto de você.

DONATO

(pausa)

Está tudo bem?

CRISTIAN

Não, eu fico feliz por isso. Eu gosto de saber que elas têm você. Era o que me deixava tranquilo quando eu estava na montanha.

De repente Lúcia vem junto a eles.

LÚCIA

Marcos, eu nem vi você chegando. Cadê a Gabi?

DONATO

O Michel acordou com febre hoje, mas ela mandou um beijo pra vocês.

Lúcia vira-se para Cristian

LÚCIA

Cris, eu estava te procurando. Tem dois repórteres aí querendo falar com você.

19. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - DIA

Os repórteres estão sentados em uma mesa, num canto. São um homem e uma mulher, ambos com jalecos amarelos de jornalistas. A mulher tem uma máquina fotográfica pendurada no pescoço, e o repórter um bloco de notas e uma caneta embaixo do braço.

Cristian senta-se na ponta da mesa. A entrevista já está em seu final.

REPÓRTER

Senhor, nós agradecemos muito o seu tempo, eu só tenho uma última pergunta para te fazer.

(ajeita-se na cadeira)

Eu não sei se o senhor tem total consciência da magnitude do seu feito. Afinal, o senhor é o primeiro negro a escalar o Monte Everest.

CRISTIAN

Eu sou o primeiro negro a escalar o Everest? Você tem certeza disso?

O repórter então olha para seu bloco de notas, volta algumas páginas, vira-se para a fotógrafa, que já está chutando a cadeira do companheiro e balançando a cabeça em sinal negativo.

REPÓRTER

Perdão, o senhor é o primeiro BRASILEIRO negro a ter escalado o Monte Everest, agora sim.

(olha para Cristian)

Ainda assim, é algo muito significativo. Como se sente com isso?

CRISTIAN

Quantos brasileiros escalaram antes de mim?

O repórter novamente confere o seu bloco de notas, mas a fotógrafa é mais rápida.

FOTÓGRAFA

13. O senhor é o décimo quarto.

Cristian ouve a resposta, meditando. Está cansado e desconfortável.

CRISTIAN

Bom, então eu espero ser o primeiro de muitos.

20. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

Cristian, em pé, apaga com um sopro as velas em cima de seu bolo de aniversário. Os convidados atrás de si gritam por um discurso. Lúcia sorri abraçada a Chiquinho. Amanda está no meio das pessoas, escondida.

CRISTIAN

Eu queria agradecer a presença de todos aqui, especialmente minha esposa que preparou esta festa, que realmente foi uma surpresa pra mim...

Antes de terminar a frase, ele volta a tossir. Tossidas longas, ásperas, que arranham a garganta, como se puxadas do centro dos pulmões de Cristian. Seus olhos ficam vermelhos, começam a lacrimejar e ele dobra o corpo ao meio.

De repente alguém se destaca do grupo de pessoas e uma mão lhe oferece um copo d'água. Cristian olha para cima e consegue ver Lúcia e então tudo desaba. Ele arranca o copo da mão dela e atira-o contra a parede.

O som do copo quebrando se mistura com o grito de algumas pessoas. Só então consegue parar de tossir.

Cristian olha para a mulher e depois para o grupo atrás dela e vê Amanda, a filha, olhando reto para ele com as duas mãos na boca. Todos olham para Cristian, paralisados.

CRISTIAN

Algumas semanas atrás eu estava a 8.848 metros de altura, no escuro, sem oxigênio, num frio que a gente até esquece pra onde ir. Tudo na vida tem um preço. Se tem uma coisa que eu aprendi como economista é isso: tudo na vida tem um preço. Eu sabia que escalar o Monte Everest teria o seu. Eu só não sabia que seria tão caro.

(olha para Lúcia)

Mas estando aqui, diante de você, a pessoa que eu mais amo nesse mundo, eu percebo que o maior preço eu não paguei. Eu ainda estou vivo.

Cristian estende para Lúcia a palma de sua mão. Ela aceita. Ele traz a mulher para o centro do jardim. Olha para Lúcia. Uma música começa a tocar. Eles dançam, primeiro devagar. Seus movimentos, de desengonçados passam a ser graciosos no gramado.

Então, no auge da dança, Cristian puxa a mulher e crava um beijo na boca dela. Lúcia aceita e beija Cristian de volta. Ele ergue a mulher do chão, para si, e eles ficam assim, beijando-se. Alegria geral da festa: aplausos. Gritos de felicidade.

Amanda vê o beijo dos pais no meio dos convidados. Fecha o casaco. Caminha para a porta dos fundos. Foge de casa.

21. INT. 351 - NOITE

Amanda entra no porão para a batalha de rap. Lotado. Ela mal consegue caminhar.

Carol, menina branca de 17 anos, está do outro lado. Aproxima-se e cumprimenta Amanda. A DJ, de 25 anos, aproxima-se para mediar a batalha.

DJ

Barulho, galera, vamos fazer barulho.

O porão vibra em energia, a galera uiva.

DJ

Seguinte, vamos começar. Carolzinha já tá na rolê faz um tempo, MC Amanda aqui do meu lado tá começando agora. MC Carol começa, depois Amanda tem 30 segundos de direito de resposta. Fechou?

A DJ entrega o microfone a Carol. A batida começa.

CAROL

Rap é som da periferia/Por isso eu peço a benção dos amigo e das amiga/ Tatuquara, Cajuru, Capão e Umbará / Vai se fuder, aqui não é Champagnat.

Eu represento a periferia/E você: República de Curitiba?/ "Olá, prazer, meu nome é Amanda/ Quando fizer 15 anos eu vou pra Disneylândia"

CAROL

Se liga, guria, aqui não tem tratante/O 351 não é festa de debutante/ Essa cultura de MC é mais nossa do que sua/ Você não tem respeito pra falar que é da rua

Até que é bonitinha as rima que ela faz/ Orgulho da mamãe e orgulho do papai/ Papai é herói, escalou o Everest/ Mas pra chegar até foram quantos boquete?!/ O primeiro negro a virar branquelo/ O segundo no mundo, depois do Michael Jackson

O cara tem fama, é cheio da grana/

Eu tô aqui batalhando com a filha do Obama/ Ela tem dois pooddle e é vegetariana/ Na frente do espelho ela imita a Rihanna/ Tá fazendo o que no 351?/

Guria se liga eu conheço o teu tipo/ Essa tattoo de cruz você achou no salgadinho/ MC Carol, representando pra vocês/ Espancando a idiota mais uma vez.

Carol entrega o microfone para Amanda, a batida para, expectativa. Amanda não consegue falar. Ela voa pra cima de Carol e acerta um soco de punho fechado na cara da menina.

22. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

A festa terminou. Garrafas vazias em cima da mesa. O vento levando copos de plástico pelo gramado. Cristian, na piscina, cata folhas que caíram na água. A piscina é dessas em desnível.

A parte mais funda está repleta de folhas que Cristian ainda não pegou. Ele caminha até lá, forçando as pernas, empurrando os braços pra frente, mas a água logo chega-lhe até o pescoço e ele precisa voltar.

Lúcia sai da casa pela porta dos fundos. Senta-se na borda da piscina, do lado oposto a Cristian.

LÚCIA

Por que a gente tem uma piscina se nenhum de nós dois sabe nadar?

CRISTIAN

Nós não construímos ela pra gente.

(MORE)

CRISTIAN (CONT'D)

(pausa)

Desculpa.

LÚCIA

Tudo bem. Você acabou de chegar.

CRISTIAN

Desculpa por tudo.

(pausa)

Mas eu estou aqui agora.

LÚCIA

Quatro meses é muito tempo.

(pausa)

LÚCIA :

Eu acho melhor você continuar dormindo no quartinho por enquanto.

Então Cristian caminha para o fundo da piscina, na direção de Lúcia. Ele avança com sofreguidão, forçando o corpo a quebrar a água. Chega do outro lado, exausto. Ergue a cabeça. Lúcia se foi. Cristian está sozinho.

Fim

Capítulo 2

23. EXT. RUA - DIA

A fachada do consultório psicológico iluminada pelo sol da manhã.

24. INT. CASA DE CLÁUDIA/ CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO - DIA

Na clínica, o consultório é um quarto separado do restante da casa. Uma estante com livros, um divã antigo, poltronas confortáveis e um piso de madeira gasto.

Cláudia é uma mulher de uns 40 anos de idade, elegante, séria. Ela senta-se na poltrona, defronte ao divã, onde está Cristian. Uma mesinha separa os dois.

CLÁUDIA

Como sua família reagiu?

CRISTIAN

Você é a primeira pessoa a saber disso.

CLÁUDIA

Muito bem, me fale como você sente as mudanças que o câncer provoca no seu corpo.

CRISTIAN

Eu sinto falta de ar. Eu tusso sangue e tenho náuseas. Sinto muito sono. Já aconteceu de eu desmaiar na sala de aula. Tenho medo disso acontecer de novo.

CLÁUDIA

E para além desses sintomas?

CRISTIAN

Como assim?

CLÁUDIA

Quando eu estava grávida eu me lembro que sentia muito enjoo. Eu tinha enxaqueca e cólica, eu sabia que eu estava grávida. Mas eu lembro que foi só no sexto mês de gravidez que eu senti pela primeira vez o bebê dentro de mim. Uma coisa é saber, outra coisa é sentir. Você já sentiu o câncer dentro de você?

CRISTIAN

Nós estávamos no acampamento base, a 5.000 metros de altura, quando a gente viu, lá em cima, se formando uma cortina de fumaça. Era uma nuvem enorme de neve branca. Ela vinha na nossa direção, e a cada metro que descia ficava maior.

Eu corri pra minha barraca. A avalanche perdeu força antes de chegar até ao acampamento e quando chegou tinha forma de uma tempestade. Tudo não passou de um susto. Quando ela passou, ainda dentro da minha barraca, eu senti algo dentro de mim. Eu não sabia o que era, mas eu sabia que tinha alguma coisa errada. Eu não sabia que era o câncer. Mas algo tinha acontecido no meu corpo.

CLÁUDIA

Você sentiu essa sensação de novo?

CRISTIAN

Não.

CLÁUDIA

Eu quero te propor um exercício: não aqui comigo agora, mas quando você tiver tempo, sozinho, confortável. Eu quero que você feche os olhos e se concentre no seu corpo. Nos seus pés, nas suas pernas, na sua barriga e nas suas mãos. Sinta cada músculo, sinta o sangue correndo, e então sinta as células se multiplicando. Sinta isso.

CRISTIAN

Qual o propósito disso?

CLÁUDIA

Você me diga na nossa próxima conversa.

25. EXT. RUA - DIA

É uma manhã fria de céu nublado e Lúcia corre na rua ao lado do meio-fio. Há pouco movimento porque é cedo. Do lado oposto da rua, cruza um jornaleiro de bicicleta. Lúcia tem os fones de ouvido ligados ao celular. Ela recebe uma chamada e atende sem parar de correr.

DONATO

Você pode falar?

LÚCIA

Diga.

DONATO

Eu recebi a resposta do banco. Eles recusaram.

Ela estanca o passo. Ao seu lado, na bicicleta do jonaleiro, algo chama sua atenção.

LÚCIA

O que eles disseram?

DONATO

O plano de investimento é arriscado demais para o momento da economia. Eles estão certos-

LÚCIA

(interrompe)

A gente sabia que seria assim. Eu vou marcar uma reunião com o Cristian. Nós não vamos fechar.

Lúcia aproxima-se da bicicleta e pega o jornal. Na primeira página há uma foto de Cristian com a manchete: "PRIMEIRO BRASILEIRO NEGRO A ESCALAR O MONTE EVEREST".

26. INT. CASA DE CRISTIAN/ CORREDOR DOS QUARTOS - DIA

Cristian, vestido com o uniforme da faculdade, para na frente da porta do quarto de Amanda.

CRISTIAN

Amanda, tá na hora de levantar.

Espera a resposta que não vem. Aproxima-se da porta.

CRISTIAN

Amanda, eu vou entrar.

Ele testa o trinco, a porta não está trancada e ele entra no quarto da filha.

27. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE AMANDA - DIA

A cama desarrumada, mas a menina não está lá. Objetos fora do lugar, um violão jogado num canto, peças de roupa pelo chão, o computador ligado na tomada. Cristian apanha uma camiseta do chão, dobra-a e guarda no armário. Ele então senta-se na beirada da cama. O contraste entre o homem uniformizado e o quarto bagunçado. Sentado, Cristian tira os sapatos, deixa-os de lado e deita na cama.

Deitado na cama de Amanda, de pés descalços, Cristian fecha os olhos. Algo machuca sua cabeça. Ele estende a mão, levanta o travesseiro e encontra uma Bíblia. É uma dessas Bíblias peque-

nas, de bolso, com uma página marcada com uma fita de prata. Ele senta-se novamente e lê a passagem marcada por sua filha.

CRISTIAN

"Tire primeiro a viga de seu olho, e então, você verá claramente para tirar o cisco do olho de seu irmão."

28. INT. CASA DE CRISTIAN/QUARTINHO - DIA

A porta do quarto está aberta e Lúcia entra. Ela caminha até o armário, abre uma das portinhas e coloca o jornal ao lado de uma pilha de roupas.

Uma coisa lhe chama a atenção: num canto, meio escondida entre o armário e as roupas, uma pastinha de hospital. Lúcia aguarda, hesita. Pega a pasta. Abre- a e dentro dela encontra folhas de exames. Raios X com a imagem dos dois pulmões, uma tomografia computadorizada, também dos pulmões.

Pega uma outra folha com o diagnóstico de um exame e compara com as imagens em preto e branco.

Uma sombra passa pelo seu rosto. Lúcia descobre que Cristian tem câncer.

29. INT. CASA DE CRISTIAN/COZINHA - DIA

Quando Lúcia pisa na cozinha encontra o marido sentado à mesa. Ele pôs a toalha, fez café, e colocou um prato na frente dele para a mulher.

CRISTIAN

Bom dia.

Cristian sorri e Lúcia é obrigado a lhe sorrir de volta.

LÚCIA

Bom dia.

Lúcia senta-se. Serve-se de uma xícara de café e estende para o marido o jornal aberto com a matéria sobre ele.

30. EXT. CASA DE CRISTIAN/ ESCADA DOS FUNDOS - DIA

Amanda sobe as escadas, o rosto coberto pelo capuz do casaco.

31. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - DIA

Amanda tenta subir as escadas para o quarto, quando seu pai a chama.

CRISTIAN

Amanda.

Amanda senta-se na mesa juntos dos pais, tentando esconder o rosto com o capuz. Chiquinho entra atrás dela.

LÚCIA

Você não está pronta ainda, filha?

AMANDA

Já vou.

CRISTIAN

O que é isso?

Amanda ergue o rosto, e vemos que ela está machucada, olho roxo.

AMANDA

Eu caí, andando de skate.

LÚCIA

Filha!

CHIQUINHO

Você não sabe andar de skate.

AMANDA

Por isso mesmo, eu tava aprendendo e caí.

CRISTIAN

Amanda, eu sei que você deve ter vontade de namorar.

AMANDA

Pai.

CRISTIAN

Eu sei que você não dormiu em casa ontem. Eu quero que você saiba, que se ele encostar a mão em você...

AMANDA

(interrompe)

Pai!

CRISTIAN

(pausa)

Tomara que tenha sido mesmo uma queda de skate.

Cristian e Lúcia se encaram, preocupados.

32. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Quando Cristian entra na sala, os alunos tiram das mochilas laptops e xerox com uma matéria da revista "THE ECONOMIST". No quadro em frente às cadeiras o título da matéria, junto com gráficos econômicos: "BRAZIL TAKES OFF".

Vê-se uma menina, aparentemente estranha a esse mundo, sem o xerox e sem computador, encarando os alunos seus colegas em redor. Seu nome é Catarina. Ela tira da mochila um caderno e uma caneta.

Silêncio na sala. Cristian caminha pelo tablado lá na frente.

CRISTIAN

Quantos de vocês foram às ruas, em junho de 2013?

Boa parte da classe levanta a mão.

CRISTIAN

E qual era a sua reclamação?

Aponta com o braço para uma aluna, que prontamente levanta-se.

ALUNA 1

Inflação, impostos altos, serviços precários, corrupção...

CRISTIAN

Mas o Brasil, dois anos antes, era a sexta maior economia do mundo. Como isso aconteceu?

ALUNO 1

Desde 94, quando a superinflação foi combatida com o real, os governos têm assumido políticas econômicas moderadas e programas sociais. O "boom" das commodities impulsionou o Brasil, com minério, agricultura, e em 2007 foi descoberto o pré-sal. Quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas foi o reconhecimento de que os dias de um país atrasado ficaram para trás.

CRISTIAN

E ficaram?

Aponta para outro aluno, que também levanta-se para responder.

ALUNO 2

O Brasil atingiu o pico em 2010, de 7.5%, o maior crescimento dos últimos 25 anos. Mas já diminuiu para 2.7% em 2011 e 0.9% em 2012. Ou seja, tudo não passou de um voo de galinha.

CRISTIAN

"Voo de galinha." E qual a diferença entre o milagre econômico dos anos 70, dos anos 2000? Pode me explicar também o que é Belíndia?

Aponta para uma terceira aluna.

ALUNO 3

Bom professor, no milagre econômico de 70 foram os ricos que ganharam, daí o termo Belíndia. Como se o Brasil tivesse dois países dentro dele: um pequeno e rico como a Bélgica e um enorme e pobre como a Índia. Mas nos últimos 25 anos a melhora na economia e programas sociais cortaram a pobreza em 2/3. E agora que pessoas acenderam à classe média, veio a exigência por melhores serviços, infraestrutura e educação, que são os mesmos dos anos 70.

Catarina observa que, umas cadeiras abaixo, um aluno desenha algo em uma folha de jornal. Ela só vê rabiscos. O jornal é aquele com a matéria sobre Cristian e o Monte Everest.

CRISTIAN

E como o Brasil investe, hoje, em infraestrutura?

Aponta para outra aluna, que levanta-se prontamente.

ALUNO 4

Só 1.5% de todo nosso investimento, público ou privado, vai para infraestrutura, professor. A média mundial é de 3.8%. O instituto Mckinsey Global avalia que o valor de toda nossa infraestrutura gira em torno de 16% do PIB. Nas grandes economias a média é de 71%.

Para alcançar esse patamar, o Brasil teria que triplicar o investimento em infraestrutura para os próximos 20 anos.

CRISTIAN

Mas o Brasil não arrecada o suficiente para investir?

ALUNO 5

Arrecada, 36% do PIB vem de arrecadação com impostos. O peso dos impostos no trabalhador médio consome 2.600 horas de trabalho anuais. O custo de vida é tão caro no Brasil que existe um nome próprio pra isso: custo Brasil.

CRISTIAN

Aonde vai esse dinheiro, já que o Brasil arrecada tanto, mas tem péssimos serviços de qualidade?

Caminha pela sala e aponta um aluno. Este levanta-se, é o líder da turma e seu nome é Eduardo Santiago.

EDUARDO

Para a previdência. Imagine o seguinte: um promotor, de 75 anos, leva uma vida confortável com uma pensão generosa de 20 mil reais mensais, dez vezes mais que a média. Ele tem três filhos do seu último casamento, e é agora casado com uma bela mulher de 30 anos, com quem ele tem outros dois filhos. Depois de 12 anos de um casamento feliz, ele morre. Naturalmente a esposa fica devastada, mas ela tem o futuro assegurado. Para o resto de sua vida ela irá receber a pensão paga pelo marido praticamente em seu valor integral, e ainda corrigida anualmente pela inflação. Quando ela morrer 38 anos depois, aos 80 anos, essa pensão foi paga por mais de meio século.

Muito mais do que o promotor, seu marido, trabalhou para merecê-la.

CRISTIAN

Mas se o Brasil mantiver um crescimento de 5% ao ano, poderíamos continuar com esse sistema previdenciário.

EDUARDO

A pergunta é: como crescer a 5% ao ano com os trabalhadores se aposentando tão cedo?

CRISTIAN

Muito bem, então do que o Brasil precisa no sistema previdenciário, tributário e político?

Faz a pergunta e aponta o braço para Catarina e espera. A turma inteira olha para ela. A menina deixa o caderno, em branco, na cadeira e levanta-se devagar.

CATARINA

Eu não sei.

Ruído da classe.

CRISTIAN

É o título do material que eu pedi pra vocês lerem.

CATARINA

Eu não recebi o material.

CRISTIAN

Eu mandei o material para toda classe uma semana atrás.

CATARINA

(pausa)

Eu entrei na segunda chamada. Deve ser por isso.

Risadas abafadas, Cristian caminha pesado e para na frente de Catarina.

CRISTIAN

Que é isso, gente.

(para Catarina)

Você estava nas ruas em 2013. O que você queria?

Catarina recebe o olhar fixo de Cristian. Passam-se segundos. Ela não sabe o que responder.

BRUNO

Reformas.

Cristian continua a olhar para Catarina, então vira o corpo e encara o aluno que falou. Era o menino que estava rabiscando no jornal, que o encara agora com uma expressão de tédio. Cristian caminha até ele.

CRISTIAN

Nunca, senhor Bruno, tire a oportunidade de outro aluno de aprender. Eu quero pra próxima aula um trabalho detalhado sobre o sistema previdenciário. Pode se sentar.

Bruno senta-se. Catarina consegue enxergar a carteira de Bruno.

No jornal em que o garoto estava escrevendo, os traços de um desenho. Linhas que formam o contorno de um prédio, tosco. Subindo no prédio, melhor desenhado, um macaco.

33. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Depois da aula, Cristian senta-se em uma carteira, sozinho na sala. Ele fecha os olhos, respirando fundo, o corpo relaxado. Cristian prepara-se para o exercício proposto por Cláudia.

De repente, um som desordenado, de batucadas e gritaria, e o corpo de Cristian fica tenso e se contrai. Vemos os flashes do que ele vê:

34. INT. SONHO/CASA DE MADEIRA - FLASHBACK

Uma casa de madeira, a mesma do episódio 1. Um olhar passeando pelos cômodos dessa casa, com os ruídos em crescente. O olhar vira um corredor e depara-se com a porta aberta de um quarto. Dentro do quarto há uma cama e um corpo estirado por cima dela.

35. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Na sala de aula Cristian abre os olhos, assustado, e vê Catarina na sua frente.

CATARINA

Desculpa, professor. Eu queria te dizer uma coisa sobre o aluno Bruno.

CRISTIAN

O que tem o Bruno?

Ele...

(pausa)

CATARINA

Professor...

CRISTIAN

Você quer me dizer alguma coisa, Catarina?

CATARINA

Eu não estava nas ruas em junho de 2013. E não acho que tirar dois terços da população da pobreza seja um voo de galinha.

36. INT. QUARTO DE HOTEL - DIA

Lúcia senta-se na cama, cobrindo o corpo com o lençol. Donato sai do banheiro, secando o cabelo.

DONATO

Eu falei com o gerente, ele disse que consegue o valor, mas aumentaria os juros e diminuiria o prazo. Vamos falar com o Cristian, ele é economista...

Donato percebe que Lúcia não lhe escutou.

DONATO

Que foi?

LÚCIA

Ele tem câncer.

Donato para o que estava fazendo, resignado. Senta-se na beirada da cama.

DONATO

Então essa foi a última vez?

O silêncio de Lúcia concorda.

DONATO

Você ainda ama ele?

LÚCIA

Ele precisa da gente.

Donato olha para Lúcia esperando a resposta para a pergunta que ela não respondeu.

LÚCIA

Sim. Amo.

DONATO

E o restaurante?

37. INT. CASA DE CLÁUDIA/ CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO - DIA

Cristian está sentando no divã, de frente para Cláudia, escolhendo as palavras.

CRISTIAN

Eu não consigo.

CLÁUDIA

O que vem na sua mente?

CRISTIAN

Eu vejo a casa da minha infância.

CLÁUDIA

Que sentimentos essa casa te traz?

CRISTIAN

Sentimentos ruins.

CLÁUDIA

O que aconteceu lá?

Ele espera antes de responder, balançando a cabeça.

CRISTIAN

Eu não volto pra aquela casa jamais.

CLÁUDIA

Você não precisa voltar. Deite-se.

E puxa a cadeira para mais perto de Cristian. Devagar, ele deita no divã, desajeitado.

CLÁUDIA

Faça-se a seguinte pergunta: qual vai ser o meu próximo pensamento? Esteja alerta, concentrado e consciente. Esteja presente e perceba essa lembrança como uma imagem vindo.

Cristian respira e, de olhos abertos, fita o teto. Primeiro não acontece nada. Mas à medida que ele se concentra, vem-lhe

os sons de sua casa da infância. Bem baixinho, as batucadas começam a soar. Cláudia está ao seu lado.

CLÁUDIA

Assista essa lembrança como se estivesse assistindo a um filme que se passa na sua frente. Você não está lá dentro, você apenas assiste. Você não é essa lembrança, você não está lá. Você está aqui. Descubra, entenda e sinta que você está aqui. Assista a casa, mas não seja a casa. Seja você.

Alguma coisa acontece com Cristian. Ele reage como se assistisse a um filme de terror, o corpo com cada músculo contraído firmemente. As batucadas crescem e invadem a sala. As imagens tomam conta de tudo.

Eis o que ele vê:

38. INT. SONHO/CASA VELHA DE MADEIRA - FLASHBACK

É a casa onde Cristian cresceu. Seu olhar caminha para dentro dela e passeia pelos cômodos.

Quando ele passa de um cômodo para o outro surge uma imagem, rápida como um chicote, flashes de um passado que volta até a própria África. Ele entra no quarto principal.

Batucadas, gritos de rituais, sons de loucura quando o olhar entra no quarto e vê o corpo estirado na cama. É o corpo de uma mulher que morreu. A mãe de Cristian. A batucada, o ruído, o barulho, entra num ápice de som e de fúria.

Então o olhar aproxima-se da cama. O horror diminui. Quando ele para ao lado da mãe o barulho todo desaparece. O que resta

é silêncio e serenidade. Som de vento no mato. O que ele vê é sua mãe.

39. INT. CASA DE CLÁUDIA/ CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO - DIA

Cristian abre os olhos, marejados de lágrimas. Ele olha pela janela e vê o céu. Cláudia ainda está ao lado dele.

CLÁUDIA

Você consegue ver agora o quanto o céu é bonito?

Cristian fica olhando pela janela. O azul lá fora é de um tom que ele vê pela primeira vez.

CRISTIAN

Eu tenho muita coisa guardada dentro de mim.

CLÁUDIA

Eu me lembro do meu filho aprendendo a caminhar, da primeira vez que ele ficou de pé. Ficar de pé não é difícil. Difícil é querer.

40. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

Todos na família estão com pressa para jantar. Fatias de pizzas dentro das caixas, pratos e talheres espalhados pela mesa. Uma pequena televisão faz coro às vozes. Eles pegam pedaços de pizza e vão cada um para uma direção. Cristian abaixa o som da televisão e encara calmamente sua família.

CRISTIAN

Antes da gente comer, eu queria dizer algumas palavras. Eu estou realmente feliz por estar aqui, por estar de volta junto da minha família.

(olha para Amanda)

Queria agradecer a Deus por estar com vocês hoje.

Lúcia, Amanda e Chiquinho escutam Cristian de pé, com pedaços de pizza nas mãos.

LÚCIA

Crianças, que tal se a gente comer aqui na cozinha hoje? Todos juntos?

Mãe e filho caminham para a mesa. Amanda fica em pé olhando o pai, desconfiada. Por fim, todos sentam-se para comer. A noite é agradável.

A televisão sem volume fica em destaque. Na tela, passa um programa, o talk-show de Abraão. Entramos nessa televisão.

41. INT. ESTÚDIO DE TELEVISÃO - DIA

Abraão encara a câmera na sua frente, batendo as folhas de papel em sua mesa. É um homem de 60 anos de idade, criado na televisão.

ABRAÃO

E assim terminamos mais um programa do Abraão.

As luzes se acendem. Julia, uma mulher negra de 30 e poucos anos, caminha apressada pelo estúdio carregando um jornal

na mão. Ela para na bancada em frente a Abraão e estende-lhe o jornal. Lê-se a manchete: "PRIMEIRO NEGRO A ESCALAR O MONTE EVEREST".

JULIA

Você já viu isso aqui?

42. INT. RESTAURANTE - NOITE

É fim de tarde na cidade lá fora. Dentro do restaurante, Cristian, Lúcia e Marcos Donato sentam-se em uma mesa afastada, mesmo que não seja mais horário de atendimento. Lúcia e Donato se entreolham antes de começar.

LÚCIA

O Marcos acha melhor fechar.

DONATO

É o melhor a ser feito no momento. Todos os bancos nos recusaram crédito.

CRISTIAN

E o que você acha?

Cristian encara diretamente Lúcia, e ela hesita antes de responder.

LÚCIA

Eu concordo com ele. É melhor fechar.

CRISTIAN

Vocês estão errados. Esqueçam os bancos. Podemos nós três juntarmos algum dinheiro em sociedade e alavancar o restaurante. É arriscado, mas vamos investir.

LÚCIA

Cristian, investir com que dinheiro? Você quer usar a nossa poupança pra arriscar no restaurante?

CRISTIAN

O que você está esperando acontecer?

LÚCIA

Eu sei o quanto esse restaurante é importante. Eu sei, me desculpe dizer, mais do que todos aqui o que significa esse restaurante: eu que subi de gerente pra sócia, eu investi toda a minha carreira aqui. Mas eu sei que ele não é tudo. A gente não vai pôr tudo a perder por conta desse restaurante. Eu não sei o que vai acontecer, e é por isso mesmo que a gente vai esperar.

CRISTIAN

Lúcia, do que você tem medo?

Lúcia, aflita, espera alguns segundos antes de responder.

LÚCIA

Eu sei que você está doente. Eu vi os exames no seu quarto.

CRISTIAN

Você sabia disso?

DONATO

Sim, ela me contou Cristian parece afundar na cadeira.

DONATO

Eu vou deixar vocês dois sozinhos.

CRISTIAN

(interrompe)

Fica. Há vinte anos, vocês dois foram até o banco atrás de crédito para abrir um restaurante. A ordem era recusar todos os pedidos, mas eu emprestei o meu próprio dinheiro pra vocês. Eu emprestei dinheiro do meu bolso pra vocês e sabe por quê? Porque eu confiei em vocês. E agora eu me pergunto: o que mudou?

Ninguém diz nada por tempo demais. É quando Cristian percebe que há alguma coisa errada.

CRISTIAN

O que foi, o que é me mudou? Me conta

LÚCIA

Eu te traí.

Encara Cristian ao dizer isso. Há muita tristeza nessa troca de olhar. Os dois, marido e mulher, parecem formar um casal muito velho.

CRISTIAN

Então esse é o fim da nossa sociedade? Vocês me convenceram, não dá pra continuar.

Ele se levanta e oferece a mão para Donato. Este, encabulado, o cumprimenta de volta. Lúcia não consegue levantar.

CRISTIAN

Eu tentei.

43. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO/BANHEIRO - NOITE

Cristian toma um banho, a água escorrendo nele. Seus olhos não enxergam nada.

44. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO - NOITE

Cristian sai do banho e encontra deitada sobre sua cama a Bíblia de Amanda. Há uma página marcada com uma folha rasgada. Nessa folha Cristian lê o seguinte recado: "você vai precisar mais do que eu".

45. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Na sala, Bruno apresenta seu trabalho. A classe está às escuras, pois ele usa um projetor. Cristian senta-se no meio da sala. Bruno passa um slide.

BRUNO

Por exemplo, o Brasil investe 5% do PIB em educação, muito mais do que a média mundial. Isso deveria ser suficiente para garantir uma educação de qualidade. E por que todo esse dinheiro não é suficiente?

Bruno passa outro slide. O celular de um aluno vibra. Ele pega o aparelho e ri baixinho.

BRUNO

De todos os problemas, o maior, novamente, é o previdenciário. Professores do ensino público básico se aposentam 5 anos mais cedo. Aposentar assim tão cedo tira profissionais experientes e necessários da sala de aula, que o Brasil não pode se dar ao luxo de perder. Porque já é difícil persuadir jovens profissionais a dar aula.

Vemos a classe. Celulares vibram. Risadas abafadas.

BRUNO

Só para se ter uma ideia, no Rio, o estado gasta o mesmo tanto com professores aposentados do que com professores trabalhando. Desde 1999, o estado tem dedicado cada centavo recebido dos royalties do petróleo para pagar a pensão de professores aposentados, uma sorte que nem todos os estados têm.

O celular de Catarina começa a vibrar. Ela não atende. Os alunos olham para Cristian.

BRUNO

O Brasil deveria investir no bem de suas futuras gerações, não no seu passado. Brasil, o país do futuro, gasta demais no seu passado.

Termina a apresentação e liga as luzes. O celular de Catarina volta a vibrar, no silêncio da sala. Ela pega-o em mãos e vê a mensagem. Bruno fechou a apresentação em slides, então na tela grande fica exposto o conteúdo de seu pen drive.

CRISTIAN

Não, Bruno, deixe. Músicas?

Bruno olha para o professor e não entende. Cristian aponta para a tela. Há uma pasta no pen drive nomeada “Músicas”.

BRUNO

Na verdade, são arquivos que eu tenho.

CRISTIAN

E nós podemos ver?

A classe fica em expectativa.

BRUNO

Sério, professor?

CRISTIAN

Sério.

Bruno, constrangido, abre a pasta.

CRISTIAN

São fotos?

Bruno lança um último olhar para Cristian, que o encoraja a abrir a primeira.

É uma foto dele mesmo, com 15 anos, na praia. A classe ri, meio aliviada. Bruno também.

CRISTIAN

A próxima.

A segunda foto é de Bruno criança jogando futebol sem camisa. Alguém assobia.

CRISTIAN

A próxima.

A foto seguinte é de um diagrama de economia.

BRUNO

Já deu né, professor?

CRISTIAN

A próxima.

Bruno passa para a foto seguinte e vê-se a imagem de um homem e de uma mulher fazendo sexo. Bruno fica roxo. Ninguém da classe ri.

CRISTIAN

A próxima.

A próxima foto também é de pornografia.

CRISTIAN

A última, Bruno.

Bruno, encolhido no tablado, solta um suspiro audível de alívio. Clica duas vezes no próximo arquivo, sem o ver. Quando a foto aparece na tela, alguém da sala deixa cair um celular.

É um meme, composto de um desenho e uma foto. A parte de cima, a foto, é de Cristian no topo do Everest. A parte de baixo é o desenho que Bruno fez: um macaco, o King Kong, escalando o topo de um prédio.

Fim

Capítulo 3

46. INT. CASA DE CRISTIAN/BIBLIOTECA - DIA

É cedo, manhã de domingo. Lúcia abre com cuidado a porta do armário e de lá retira um álbum de fotografias. Senta-se com ele no chão.

É um álbum grande, de capa dura, que em cada página cabem várias fotografias. Lúcia abre-o e vemos fotos antigas da família: Chiquinho e Amanda quando crianças, Cristian e Lúcia juntos, jovens. Uma foto da família toda na praia, feliz.

Ela vira a página e vê, ao redor de fotos de primos e tias da família, no centro do álbum, um retângulo branco livre de poeira. Uma foto está faltando. Lúcia fica desconfiada.

47. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARDO DE AMANDA - DIA

Amanda, deitada na cama, assiste no computador o vídeo da batalha de rap. É a sua batalha de rap, contra MC Carol. Vê-se na tela o detalhe do momento em que Amanda acerta um soco na rapper rival. Ela para o vídeo.

Amanda levanta da cama. Coloca no computador um som de uma batida de música, sem letras, e aumenta o volume. Vai para a frente do espelho. Dança ao som da batida.

AMANDA

MC Carol, eu vim aqui pra te dizer, nesta noite de luar, você vai se arrepender-

Ela mesma se interrompe: não consegue mais. Ouve-se as notificações de bate-papo no computador. Alguém está chamando Amanda.

Na tela, um amigo pede para falar com ela. Diz a Amanda que precisa lhe mostrar algo, uma coisa importante. Algo que ela não vai gostar. Algo sobre seu pai.

O amigo envia a Amanda a foto do "meme" racista que Bruno desenhou na faculdade: o macaco no topo do prédio, e Cristian no topo do Everest.

Amanda pega o computador, solta um grito de raiva, e atira o aparelho pela janela.

48. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - DIA

A família toma o café na sala de jantar.

AMANDA

Hoje eu vou estudar na casa de uma amiga, beleza?

(pausa)

LÚCIA

Cristian, eu não consegui encontrar aquela foto sua com Chiquinho no colo, lembra?

CRISTIAN

Qual foto?

LÚCIA

Do dia que o Chiquinho nasceu. Ele recém--nascido no seu colo.

CRISTIAN

(pausa)

Eu não sei de que foto você está falando.

Na última vez que você foi estudar na casa de uma amiga, você voltou de olho roxo. Onde você quer ir?

Cristian vira-se para Amanda.

AMANDA

É um show de rap.

CRISTIAN

E quem é o cantor?

AMANDA

Eu sou.

Eles olham para Amanda com algo novo. Até Chiquinho foi pego de surpresa.

CHIQUINHO

Canta um rap aí.

AMANDA

Não é assim.

LÚCIA

Mas você disse que é cantora de rap.

AMANDA

Eu sou MC, mãe, é de improvisar.

LÚCIA

Então "improvisa" aí.

AMANDA

(pausa)

"Café da manhã domingo com a família, consegue ser mais chato que tomar chá de camomila."

CRISTIAN

Eu acho perigoso você sair sozinha nessa idade, Amanda.

AMANDA

Então por que você não vem comigo?

CRISTIAN

Você não vai nesse show.

Amanda levanta-se da mesa, sacudindo os talheres. Encara o pai.

AMANDA

Me diz UM bom motivo por que eu não posso ir.

CRISTIAN

Porque eu disse não.

Cristian sustenta o olhar da filha. Os olhos dele são mais pesados. Ouvimos a respiração forte de Amanda. Ela gira o corpo, sai da sala e sobe as escadas para o seu quarto. A porta lá em cima bate.

49. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

Cristian, sozinho na beira da piscina, aponta o telescópio para o céu. É uma noite clara, faz frio. Cristian usa só uma camiseta. Ele passa um pano umedecido cuidadosamente no vidro da lente.

Lúcia aproxima-se dele. Tem nas mãos um cobertor, um casaco e um balde de pipoca. Joga o cobertor e o casaco aos pés de Cristian.

LÚCIA

Vai demorar muito ainda.

A mulher senta-se ao lado dele. Chiquinho sai da cozinha e vem na direção dos pais.

CHIQUINHO

O que é que vocês dois tão fazendo aí fora? Pipoca?

E já vai sentando ao lado da mãe. Pega uma mãozada de pipoca, algumas escapam e vão parar no colo de Lúcia.

CRISTIAN

Hoje à noite tem um eclipse.

CHIQUINHO

Que horas vai começar?

CRISTIAN

Daqui a pouco.

Chiquinho senta-se junto com a mãe.

CHIQUINHO

Por que meu nome é Francisco?

A pergunta pega os pais de surpresa. Cristian e Lúcia se olham. Lúcia sorri baixinho.

LÚCIA

Pede pro seu pai.

CRISTIAN

O seu nome, na verdade, era pra ser Pedro.

(pausa)

Eu tava em casa quando você nasceu, era uma noite quente, de muita chuva.

Muita chuva. Sua mãe tava no hospital. Eu fiquei em casa cuidando da Amanda, ela era muito pequena, tinha 5 anos. A gente morava num apartamento velho lá no centro, ela nem deve se lembrar disso. Nós jantamos juntos e depois ela foi pra frente da TV assistir um especial de férias de desenho animado, uma coisa assim. E eu andava de um lado pro outro, ansioso.

(pausa)

Nessa noite, a Amanda teve muita diarreia.

Lúcia e Chiquinho sorriem um para o outro. Cristian continua a contação.

CRISTIAN

Eu não lembro o que a gente jantou, se foi alguma coisa estragada ou quê, mas olha, eu nunca vi tanto cocô na minha vida. Ela foi umas cinco vezes no banheiro em 20 minutos.

De repente Amanda vem e junta-se a eles. Chiquinho encara a irmã, rindo.

CRISTIAN

(pausa)

Foi uma noite que você fez tanto cocô que o vaso entupiu. Entupiu, não saía mais nada. Eu dava a descarga e aquilo subia com a água e espalhava pelo chão do banheiro. E você ficava ali do lado de fora me falando: "pai, eu preciso fazer mais, limpa logo isso aí".

LÚCIA

Eu lembro que ela era toda nojinho, mesmo.

CRISTIAN

E sua mãe no hospital, e eu sem saber de nada. O que eu podia fazer? Eu tive que pegar um balde e desentupir o vaso com a mão.

CHIQUINHO

Eca.

CRISTIAN

Eu pedi pra ela pegar uma sacola de plástico, pra eu usar pra pegar o cocô.

(pausa)

Ela saiu correndo pra cozinha. Quando voltou tinha numa mão uma sacola de uma farmácia e na outra uma da padaria. Ela ficava assim olhando de uma pra outra, muito indecisa, e então olhou pra mim e perguntou: "pai, qual você prefere?" E eu ajoelhado, no meio da água

e do cocô. Eu respirei devagar, olhei pra ela e falei "me dá a da padaria, por favor".

Chiquinho e Lúcia riem baixinho, Amanda encara o pai.

CRISTIAN

Eu coloquei a sacola na mão e comecei a limpar o vaso. Eu tirava uma mãozada e botava no balde e sempre pingava um pouco na minha camisa e na minha calça. Eu fiquei imundo. E tinha que fazer isso várias vezes. Nisso, o telefone tocou. Tocava e tocava e você não atendia, e eu gritei "Amanda, atende esse telefone!".

CRISTIAN

E fiquei ali parado, na beira do vaso, com a sacola suja na mão. Eu escutei ela tirar o fone do gancho, mas não escutei a conversa.

Passou um tempo. Pra mim foi muito tempo. De repente ela veio correndo e parou na porta do banheiro, olhando pra mim. Ela ficou parada ali, muito, muito séria. Eu senti bastante medo. Então, do nada, ela começou a pular. E a sorrir. Ela dava uns pulinhos nas pontas dos pés e sorria. Ela olhou pra mim e disse: "pai, o Chiquinho nasceu!" E entrou no banheiro, pulou no meu pescoço e ficou ali, dando risada. Eu abracei ela de volta e nós ficamos ali, juntos no banheiro sujo, dando risada.

Chiquinho, sem saber, abraça a irmã, feito um gatinho.

CRISTIAN

Ele não podia não se chamar Chiquinho depois disso, né. Você não lembra dessa história?

Amanda olha pro pai, só isso.

AMANDA

É claro que eu lembro.

Uma pausa bonita, de alguns segundos. Eles estão quase em paz.

LÚCIA

Olha.

Aponta para o céu: vai começar. Eles veem, sentados juntos na beira da piscina, a lua escurecer-se. Admiram o eclipse em um momento de felicidade.

50. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO - NOITE

Cristian deitado, de olhos bem abertos, observa o teto, lembrando do céu. Ele vira-se para apagar a luz do abajur quando a porta se abre. É Lúcia. Ela deita-se junto dele. Eles se beijam. Tiram a roupa. Fazem sexo.

51. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

Sozinha, Amanda permanece dentro da noite, observando a vastidão lá de cima. Ela tira o olho do telescópio e caminha para dentro da casa.

52. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

Amanda caminha pela sala quando vê pelas frestas do quartinho do pai uma luz acesa. Ela caminha até lá e quando chega perto, prega os ouvidos na porta e escuta os gemidos dos pais dentro do quarto.

Amanda recua, e corre para fora da casa.

53. INT. 351 - NOITE

Batalha de rap. Porão lotado. A DJ faz as apresentações.

DJ

Na última batalha a gente não conseguiu chegar numa vencedora, ok, mas hoje a gente vai. Eu quero ver sangue. Vocês querem ver sangue?

A galera vibra. A batida começa. A DJ entrega o microfone para Carol.

DJ

Carol começa, depois Amanda, que nem na semana passada.

CAROL

Depois do vexame da última vez, a perdedora pode começar tá, tô doidinha pra ouvir o que ela tem pra falar.

Dá um passo para trás e faz uma reverência medieval para que Amanda seja a primeira. Amanda pega o microfone. Avança. Olha para Carol.

AMANDA

Os teu parente atravessaram o mar de barco/ Só que os seus vieram em cima, os meus vieram embaixo.

E chegando aqui trabalharam no lombo/ Se não trabalhassem, apanhavam no tronco.

Tenho orgulho de ser preta, tenho orgulho de ser rica/ Ninguém quer apanhar pro resto da vida.

Minha mãe é africana, meu sangue é de Uganda/ Sou eu a curitibana, MC Amanda.

Todo mundo aqui é branco até morrer/ Do

C.I.C ao Batel, inclusive você.

Quer falar da minha família, quer falar do meu pai? Eu respondo pra vocês dois: Xô, Satanás!

AMANDA

Meu pai não é herói, nem aqui, nem na China/ Porque herói de verdade não bate em menina.

Essa é a verdade, pro bem ou pro mal/ E a verdade, vocês sabem, nunca sai no jornal. Carol, você manda bem na improvisada/ pena que você, da vida, não manja nada.

Eu faço rap porque eu sinto

que quando eu faço rap no improviso

Eu sinto o meu corpo e o meu espírito/ E a galera sente junto comigo.

O rap é o som que eu persigo.

Quem escuta rap nunca está sozinho Por isso grito foda-se meu pai,

Por isso grito foda-se minha mãe Por isso grito foda-se minhas tias Porque o 351 é minha família.

A batida para. A galera urra. Amanda entrega o microfone para Carol.

Carol desmonta diante de Amanda. A batida recomeça mas ela silencia, não sabe o que fazer. Começa uma contagem regressiva. Carol fica olhando para Amanda, tonta.

Luzes cortam a entrada do porão. Luzes vermelhas e sirenes. Logo o grito de "POLÍCIA" põe todo mundo pra correr. Caos de pessoas correndo. Amanda não sabe o que fazer. Carol pega na sua mão.

CAROL

Vem comigo.

54. EXT. RUA - NOITE

Amanda e Carol fogem por uma rua lateral O som das sirenes vem de algum lugar atrás delas. Carol tem um carro estacionado na esquina.

CAROL

Entra aí.

Amanda hesita. Por fim entra e as duas arrancam com o carro.

55. INT. CARRO DE CAROL - NOITE

O som da sirene fica para trás enquanto Carol e Amanda afastam-se de carro.

CAROL

Você mandou muito hoje.

AMANDA

Eu sei.

Você é foda. Você é uma MC muito foda. Desculpa por aquele dia. Eu fui covarde de bater em você.

Ok.

(pausa)

As ruas passam.

CAROL

Mas pra te compensar eu te deixo em casa, me diz aí onde que você mora.

AMANDA

Não. Eu não quero voltar pra casa.

CAROL

É verdade o que você falou lá dentro?

AMANDA

Sim, eu sou curitibana.

CAROL

(pausa)

Sobre seu pai.

Amanda não responde.

CAROL

Meu pai já morreu, eu moro com meu padrasto. Este carro é dele, ele acha que eu tô, sei lá o que ele acha. Ele não é um cara ruim, mas eu não consigo ficar perto dele. Eu preciso sair daquela casa.

AMANDA

Você não tem um baseado?

Carol fica olhando para a menina.

CAROL

Ali.

Amanda abre o porta-luva e encontra várias trouxinhas de maconha. E um revólver.

CAROL

É só por um tempo, eu tô juntando uma grana.

Amanda acende o cigarro. Carol dobra a esquina e as meninas dão com uma blitz.

CAROL

Apaga, apaga isso aí!

56. EXT. RUA - NOITE

A blitz é numa rua vazia, de bairro. Não se ouve movimento, só latidos de um cachorro. Há uma única viatura da polícia. Um único policial. Ele caminha em direção ao carro de Carol. Tem o revólver enfiado no coldre.

POLICIAL

Vocês estão bem, meninas?

CAROL

É, boa noite, tudo bem, senhor.

POLICIAL

Pra onde vocês estavam indo?

CAROL

A gente tava indo pra casa.

POLICIAL

E de onde vocês estão vindo?

CAROL

A gente tava na faculdade. A gente só quer voltar pra casa.

POLICIAL

Não tem problema, vocês vão voltar pra casa. Sai do carro.

E aponta para Amanda. Ela olha para Carol.

CAROL

A gente tá só voltando pra casa, senhor

POLICIAL

Eu preciso revistar vocês. Sai do carro agora.

As meninas, lentas e assustadas, deslizam para a rua.

POLICIAL

Encosta no carro. As mãos pra cima.

Elas fazem o que ele ordena. O policial passa a mão, revistando-as. Depois encaminha-se para o carro.

O policial checa o interior do veículo com uma lanterna. Então abre o porta-luvas e encontra as trouxinhas escondidas.

57. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

A piscina de águas paradas na noite em silêncio.

58. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO - NOITE

Cristian e Lúcia estão deitados na cama, nus. Ela olha para ele, muito calma e serena.

LÚCIA

Essa foi a nossa última vez.

Levanta-se, veste a roupa e sai do quarto. Cristian fica sozinho deitado na cama.

59. INT. CASA DE CRISTIAN/COZINHA - NOITE

Cristian bebe um copo de whisky e tem uma fotografia nas mãos. Encara a foto, distante. Caminha até a geladeira e deixa-a ali, prendida no metal com um ímã.

Vê-se a imagem da foto: Cristian mais jovem com o bebê Chiquinho em seu colo. O telefone começa a tocar. Cristian continua a olhar para a foto.

Caminha até o telefone e tira-o do gancho.

CRISTIAN

Alô?

POLICIAL

Alô, eu gostaria de falar com Cristian Nazário.

CRISTIAN

Sim, é ele, do que se trata?

POLICIAL

Senhor, é da polícia militar de Curitiba. A sua filha está aqui na delegacia.

60. EXT. RUA - NOITE

O carro de Cristian corta a rua na noite, até chegar na garagem de casa.

61. EXT. CASA DE CRISTIAN/GARAGEM - NOITE

O carro está estacionado, o pai e a filha lá dentro. Eles não se olham. Cristian sai primeiro e sobe as escadas. Muito lentamente, Amanda depois faz o mesmo.

62. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

Cristian chega primeiro na sala de jantar e posta-se atrás da mesa, à espera de Amanda. Ela surge ao pé das escadas, caminhando para seu quarto.

CRISTIAN

Você é traficante, Amanda?

AMANDA

Não.

CRISTIAN

Mentirosa.

(pausa)

Cristian balança a cabeça para Amanda e caminha na direção dela.

CRISTIAN

Na minha casa. Debaixo do meu nariz. Eu te dei tudo, Amanda. Você tem tudo. E pra quê?

AMANDA

Eu não fiz nada.

Cristian está ao lado de Amanda, ameaçador.

CRISTIAN

Quieta. Eu vou falar agora. A partir de amanhã as coisas vão mudar. Você não vai mais andar com aquele bando de maloqueiro vagabundo. Acabou. Esta família tem sido muito boa pra você. Boa até demais. E o que é que você faz? Que merda foi essa que você fez hoje?

AMANDA

Você tá me assustando-

CRISTIAN

(interrompe)

Eu falei pra você ficar quieta!

Cristian estende o braço como se fosse dar um tapa no rosto de Amanda. Para no meio do caminho. A menina o encara, de pé.

AMANDA

Eu não fiz nada de errado. Eu tava lá fazendo a minha música. Você disse que ia tá lá comigo. Eu fiquei te esperando na rua, eu tava torcendo pra você chegar. Você devia tá lá comigo.

(pausa)

Você é meu pai.

Amanda só olha pra ele. Esse olhar corta Cristian no meio. Ele dá um passo em direção a ela e tenta abraçar a filha. Amanda recua, horrorizada.

AMANDA

Não. Você não vai me machucar de novo.

Vira o corpo e sai e sobe as escadas e Cristian fica sozinho no meio da sala. Começa a madrugada.

63. INT. CASA DE CRISTIAN/QUARTO DE AMANDA/BANHEIRO - NOITE

Amanda toma banho. Seu corpo está encolhido no chão, de costas para o box. Os braços pequenos estendidos para a frente, agarrados com força em si mesma. A água não escorre: bate nela.

64. EXT. RUA - NOITE

Cristian sobe as escadas da fachada do consultório de Cláudia. É noite alta, não se ouve nem se vê nada dentro da casa. Cristian bate na porta e aguarda.

65. INT. CASA DE CLÁUDIA/ CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO - NOITE

Cláudia enche um copo de whisky e passa-o a Cristian. Ele bebe um gole e encara a psicóloga.

CRISTIAN

Está tudo bem?

CLÁUDIA

Você não veio aqui pra me perguntar isso.

Cristian caminha de um lado para o outro. Cláudia senta no divã.

CRISTIAN

Quando eu saí de casa, com 18 anos de idade, a última coisa que eu queria na vida era me tornar pai. Eu tinha medo de ser pai. Medo de ser pra minha filha o que meu pai foi pra mim.

(pausa)

Você sabe o que é medo de verdade?

Cláudia não responde.

CRISTIAN

Não é escalar o Monte Everest, não é um câncer de pulmão. É algo mais fundo que isso.

Cristian senta ao lado de Cláudia no divã.

CRISTIAN

Eu olho pra você e eu vejo esse medo. Eu gosto de vir aqui e olhar pra você. Eu sei que você sente também. Eu sei que você entende. Mas eu tenho medo de saber o que é.

CLÁUDIA

Minha filha morreu com 7 anos de idade. Acidente.

CRISTIAN

Qual era o nome dela?

CLÁUDIA

Isabel. Eu não chorei no velório dela. Eu não consegui.

Cristian inclina o corpo e beija Cláudia. Ela puxa-o para si.

66. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE CASAL - NOITE

Na grande cama de casal, o vestido de Lúcia jogado por cima do lençol. Ouve- se o som do chuveiro ligado no banheiro.

67. INT. CASA DE CRISTIAN/QUARTO DE CASAL/BANHEIRO - NOITE

O vidro embaçado pelo vapor. Dentro do box, Lúcia toma um banho de água quente, água que escorre pelo seu corpo. Com as mãos, ela lava os cabelos, os ombros, o pescoço...

Fim

Capítulo 4

68. EXT. RUA - DIA

Sob a luz da primeira manhã, Lúcia corre por entre ruas desertas e casas quietas. Ela está decidida: fez ou fará algo importante. Talvez as duas coisas.

69. INT. CASA DE CRISTIAN/QUARTINHO - DIA

Cristian está acordando. Ele caminha sonolento até o banheiro do quartinho, mas algo chama-lhe atenção debaixo da porta: um grande envelope, desses que reservam alguma espécie de documento. O sono de Cristian desaparece diante do papel. Ele carrega o envelope para a cama. Abre. São os papéis do divórcio. Ele folheia rápido, passando os olhos pelas páginas, a ficha ainda não caiu.

70. EXT. PARQUE - DIA

Lúcia continua em seu exercício matinal, agora em um parque com pista de corrida. Cristian surge correndo atrás dela. Ele demonstra dificuldade para alcançá-la, mas Lúcia não faz questão nenhuma de diminuir a velocidade.

CRISTIAN

Eu não vou passar o Natal longe dos meus filhos. Você sabe disso, eu não vou sair de casa.

LÚCIA

Não me obrigue a ir na justiça.

CRISTIAN

Eu vou falar com meu advogado, eu não vou abrir mão de nada do que é meu. Você não tem direito a nada.

Lúcia guia o caminho puxando o ritmo forte, Cristian tenta não ficar para trás.

CRISTIAN

Foi tudo com meu dinheiro, eu não vou deixar você ficar com a casa.

Cristian gasta seu pulmão, mas se mantém próximo a ela.

CRISTIAN

E o restaurante? Eu quero ver você bancar sozinha o restaurante.

Lúcia não olha para Cristian: olha direto para a sua frente.

CRISTIAN

Você não tem condições de ficar com as crianças, eu quero a guarda do Chiquinho, pode ficar com a Amanda pra você, mas a guarda do Chiquinho é minha. Lúcia!

Finalmente Lúcia para de correr e vira-se para Cristian. Eles chegaram ao pé de uma enorme escadaria

LÚCIA

Você está morrendo, Cristian. É isso que você quer deixar para seus filhos? Você não está completamente sozinho, mas é assim que você vai acabar.

Lúcia vira as costas e sobe a escadaria com a força e o pulmão que Cristian não tem. É o fim da linha para ele. Ele encara o topo da escada, calculando a possibilidade de se arriscar. Recupera o ar de seu pulmão. Avança.

Cada degrau consome um esforço incrível, ele sente o corpo pesar uma tonelada. Suando, sofrendo, ele continua a subir. Quando chega, está exausto.

Os olhos se perdem, Lúcia não está lá, não há nada nem ninguém o esperando. Ele fraqueja e cai desmaiado.

71. INT. HOSPITAL - DIA

Cristian acorda numa cama de hospital. Além dele, Lúcia é a única no quarto. Ela ainda veste as roupas de academia. A primeira coisa que Cristian repara é no colar que a esposa segura, trançado com sementes e pedras, ela segura a guia com devoção.

CRISTIAN

Que horas são?

LÚCIA

Está tudo bem. Eu pedi pra Marlene deixar as crianças na escola. Eu liguei na faculdade e avisei que você não vai poder ir.

CRISTIAN

Não, eu preciso ir. Está tudo bem, eu subi a escada toda de uma vez. Eu já estou melhor.

Lúcia está tensa, seu rosto não consegue esconder sua preocupação. Ela segura a mão de Cristian.

LÚCIA

Cristian, o médico disse que o câncer é irreversível. Já está em fase terminal.

Lúcia entrega o colar nas mãos de Cristian.

CRISTIAN

O que é isso?

LÚCIA

É um brajá de Omolu, é pra afastar os espíritos negativos. É o símbolo de Omolu, um orixá que cura doenças.

CRISTIAN

Que tipo de doenças?

LÚCIA

Ele é conhecido por ajudar com doenças contagiosas, ele ajuda o povo quando tem epidemias, essas coisas.

(pausa)

Hoje é o dia desse orixá. Omolu vai ajudar.

Cristian encara o brajá. Depois olha para Lúcia.

CRISTIAN

De tarde eu passo em casa pra pegar minhas coisas.

LÚCIA

Não precisamos falar disso agora.

CRISTIAN

Não vamos piorar a situação. Eu assino os papéis. Você fica com a casa, as crianças. Você está certa. Eu estou mesmo morrendo.

LÚCIA

Não diga isso, Cristian. Se você começar a quimioterapia agora pode dar tudo certo ainda.

Cristian calmamente segura o colar. Então, com uma expressão de desdém, arrebenta os fios do brajá.

CRISTIAN

Me deixa sozinho.

Lúcia se levanta, olha com piedade para Cristian.

LÚCIA

Eu não queria que a gente terminasse assim.

72. INT. FACULDADE/SALA EM AUDITÓRIO - DIA

Cristian, abatido, entrega as provas finais do semestre aos alunos.

CRISTIAN

As provas do exame final ficaram marcadas para janeiro, dia 12. Eu vou chamar o nome e o aluno vem até aqui receber a prova.

Eduardo, o líder da turma, se levanta, segura um papel com um discurso anotado.

EDUARDO

Professor, antes de você entregar as notas eu gostaria de dizer algumas palavras em nome da turma.

CRISTIAN

Por favor.

Os alunos encaram Eduardo com atenção. Catarina está visivelmente incomodada.

EDUARDO

Em nome dos alunos da classe de Economia 2014/1 da I.E.C., gostaríamos de pedir desculpas pelo episódio de racismo envolvendo o aluno Bruno Ruíz. Atitudes como a desse aluno são repugnantes e não devem ter espaço na sociedade, quanto menos em uma sala de aula. Nós apoiamos toda e qualquer ação, inclusive medidas severas, para punir aqueles com tal comportamento.

Queremos tornar público que as ações do aluno Bruno não representam a moralidade e a ética de nenhum aluno desta classe, como também de nenhum outro aluno de toda esta instituição.

(olha para Cristian)

A gente queria realmente pedir desculpas pelo que aconteceu, professor.

CRISTIAN

Você não precisa pedir desculpas. Como você mesmo colocou, o aluno Bruno não lhes representa. Correto?

EDUARDO

Correto, mesmo assim senhor, nós gostaríamos de deixar bem claro-

CRISTIAN

(interrompe)

Está claro.

Eduardo senta-se, olhando Cristian com piedade.

EDUARDO

Professor, é só um pedido de desculpas.

CRISTIAN

Você sabia do desenho?

EDUARDO

Do que você está falando?

CRISTIAN

O macaco que o seu colega Bruno desenhou.

Eduardo não responde.

CRISTIAN

Eu não estou te perguntando se você ajudou a desenhar ou eu se você riu quando você viu o desenho. Eu estou te perguntando: você sabia ou não sabia?

Silêncio.

CATARINA

Todos sabiam.

Catarina está em pé. Eduardo vira como um raio pra ela. Ruído desconfortável da classe inteira. Cristian aplaude a menina.

CRISTIAN

Muito bem, senhora Catarina, muito bem. A senhora, junto com todos os senhores desta sala de aula, estão reprovados.

Cristian rasgas as provas no meio.

CRISTIAN

Inclusive o senhor, Eduardo. Eu vou pedir que a direção tome, assim como você mesmo colocou, "medidas severas contra todos os envolvidos".

Os restos das provas rasgadas voam pelo chão. A turma aumenta o barulho. Eduardo dá um tapa forte na carteira.

EDUARDO

Você é louco? Quem você pensa que é? Você é um professorzinho de merda. Você tome cuidado, professor. Você sabe quem é a minha família? VILLELLA ! Cristian Nazário, nome de bosta!

Cristian voa na direção de Eduardo. Agarra o aluno pelo pescoço e o empurra contra a parede. Cristian ergue o braço em punho fechado, tremendo, segurando o rapaz contra o quadro. Dá um soco na parede.

CRISTIAN

Mais alguém?! Hein?! Me chama de macaco, agora! Me chama de macaco agora, seus filho da puta!

Enfurecido, Cristian sobe as bancadas, olhando os alunos. Ele para na carteira de Catarina.

CRISTIAN

Você é igualzinha a eles, branca de merda!

Cristian sai da sala.

73. EXT. RUA - DIA

A fachada do consultório de Cláudia.

74. INT. CASA DE CLÁUDIA/ CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO - DIA

Cristian, agitado, não repara nos poucos móveis que restam no consultório. Tampouco no rosto de Cláudia: ela está abatida, cansada, como se tivesse acabado de acordar de um longo sono.

CLÁUDIA

Cristian, escuta: eu não posso continuar te atendendo. Depois do que aconteceu entre a gente, não há maneiras da gente manter nossa relação como médico-paciente.

CRISTIAN

Do que você tá falando? Esquece o que aconteceu. Eu estou aqui pedindo sua ajuda.

CLÁUDIA

Eu posso te recomendar uma pessoa que vai te ajudar, Cristian. Eu não tenho mais condições pra isso.

CRISTIAN

Não, não, não! Eu não quero outro profissional. Você transou comigo, você também fez parte disso. Você deveria procurar ajuda. A culpa foi sua também. E agora você me abandona e diz que não quer me atender? Quanto você quer?

Cristian abre a carteira e mostra notas de dinheiro para Cláudia.

CRISTIAN

Hein? Me diga, quanto você quer?

CLÁUDIA

Olhe em volta, Cristian! Eu não vou atender mais ninguém.

Cristian repara pela primeira vez no consultório: livros encaixotados, quadros embrulhados por panos, os armários vazios. E, então, ele olha para Cláudia e vê na psicóloga o próprio vazio do consultório.

75. INT. CARRO - DIA

Cristian dirige pela cidade, mas ficamos com a sensação de que ele não está indo a lugar algum. O carro está agora parado e Cristian olha sem enxergar nada à sua frente.

76. EXT. IGREJA - DIA

Laura, irmã de Cristian, é a catequista de uma turma pequena de crianças. Eles estão lendo uma passagem da Bíblia embaixo de uma árvore, num pequeno gramado ao lado da igreja.

CRIANÇA 1

"E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:"

Enquanto a leitura segue, Laura vê Cristian aproximar-se.

CRIANÇA 2

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos."

CRIANÇA 3

"Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus."

As outras crianças ficam curiosas quando percebem a presença do homem, mas Laura pede que a leitura continue. Ele senta-se junto dos pequenos.

CRIANÇA 4

"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra."

É a vez de Cristian continuar a ler, mas ele está sem nenhuma Bíblia. A criança ao lado lhe oferece a sua, mas Cristian sabe a passagem de cor:

CRISTIAN

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados."

(MORE)

CRISTIAN (CONT'D)

(pausa)

Minha mãe costumava ler essa passagem pra mim e pra minha irmã quando éramos crianças.

77. EXT. IGREJA - DIA

Alguns minutos depois. Laura e Cristian caminham pelo gramado, escutamos as crianças brincando.

CRISTIAN

Você ainda fala com ele?

LAURA

Eu visitei a casa ano passado.

CRISTIAN

E como ele tá?

LAURA

Do mesmo jeito de sempre. Ele pergunta de você, se você está bem. Eu contei que você tem dois filhos, ele falou que queria conhecer os netos. Você deveria falar com ele. Ele não teve culpa e mesmo que tivesse, não vale a pena ficar carregando isso com você

CRISTIAN

Eu sei. E como você está?

Os irmãos sentam no gramado, ao lado de uma árvore.

LAURA

Eu sinto a sua falta. Você é meu irmão e a gente nunca se fala. Eu te vi nos jornais, escalou o Monte Everest, primeiro brasileiro negro.

CRISTIAN

Minha vida virou do avesso.

LAURA

Cristian, pare de fugir. Peça ajuda de Deus, ele vai te ajudar.

Você está sozinho, mas não precisa ser assim. Sua família te ama, eu sei disso.

As crianças gritam pela professora.

LAURA

Eu preciso voltar pra lá. Vem comigo.

CRISTIAN

(pausa)

Não.

78. INT. TERREIRO - NOITE

É um dia especial no terreiro, a festa anual de Olubajé. O terreiro está cheio, e já estamos em das danças de celebração. Uma grande sala oval, decorado com a representação ligada aos orixás: a espada de Ogum, a palha de Omolu, o machado de Xangô. No centro do terreiro uma viga, uma coluna, representando a união do terra com o céu. Ao redor dessa viga, as cadeiras para os patronos do terreiro.

Cristian não sabe nada disso, e é com esse olhar de estranhamento, receio e medo que ele observa os detalhes do terreiro. Ao contrário de todos, Cristian usa roupas pesadas, do trabalho. Ele ajeita-se num lugar, procura por Lúcia, mas ela não está na roda.

O pai de santo levanta-se para saudar as pessoas da casa.

PAI DE SANTO

Agora vamos ficar de pé para receber esse orixá. Foi pra ele que fizemos essa festa. Hoje é dia de Olubajé, dia da Omulu-Obaluaiê. Atotó!

FILHOS DO TERREIRO

Atotó!

As pessoas ficam em pé, algumas fecham os olhos. A roda está vazia, esperando pela chegada do orixá. Entra Omolu, com sua dança, o opanijé, o corpo curvado para frente, como que atormentado por dores, inteiro coberto de palhas, exceto pelos braços e pernas. As batucadas aumentam e com ela os cânticos para o orixá.

Cristian fica compenetrado por aquela imagem, assustado com a tamanha beleza do ritual. Acima de tudo, por ver Lúcia dançando no corpo de um orixá.

79. INT. TERREIRO - NOITE - MAIS TARDE

Depois da dança, Lúcia senta-se numa cadeira toda enfeitada no centro da roda. Cristian aproxima-se para receber o abraço que cura de Omolu.

O orixá chacoalha-se na cadeira, sentindo a energia daquele que vem. Cristian vem a passos curtos, medrosos, até ficar em frente a Omolu. Ele ainda hesita uma última vez, e então o corpo solta-se e ele se ajoelha diante da rainha Omolu.

O abraço acontece. O grito surdo do orixá revela alguém muito doente, e o abraço fica mais intenso, mais rígido, mais apertado, como se demandasse mais força do santo. Cristian fecha os olhos e recebe toda a energia de Omolu pelo corpo de sua ex-mulher.

80. EXT. RUA - NOITE

O carro de Cristian estaciona na frente da casa.

81. INT. CARRO - NOITE

Há como que uma aura dentro do carro, perpassando Lúcia e Cristian. É quase um pó, palpável, mágico.

CRISTIAN

Foi surpreendente ver você daquele jeito.

LÚCIA

O orixá é uma energia muito forte. Não sei nem por que eu tô te contando isso.

CRISTIAN

Quando eu te abracei lá dentro eu senti algo diferente.

LÚCIA

Você abraçou Omolu.

Cristian sorri.

CRISTIAN

Eu senti que aquele abraço era tudo que eu precisava, era o que eu estava procurando mesmo sem saber. Eu não sei como explicar isso, mas eu senti que o nosso abraço não tinha começado ali, entende? Eu senti de novo o ultimo abraço que minha mãe me deu pouco antes dela morrer. Eu senti de novo o abraço da nossa filha, quando ela correu pra me contar que o Chiquinho nasceu.

Eu senti de novo o primeiro abraço que Chiquinho me deu, agarrando meu dedo, o bebê mais lindo que esse mundo já viu. Eu senti de novo o abraço que você me deu, naquele dia de chuva, depois do sorvete, você se lembra? Eu senti todos esses abraços, todos esses e todos aqueles que eu nem consigo lembrar. Quando eu te abracei eu senti acima de tudo, a falta que todos esses abraços me fazem.

Lúcia está emocionada, Cristian também.

CRISTIAN

Aqui estão os papéis. Você tem razão: a gente não merecia acabar daquele jeito. Eu acho que um abraço foi a melhor maneira de terminar.

Eu espero que você me desculpe.

LÚCIA

Obrigada. Obrigada.

(pausa)

Pode passar o Natal com a gente, se quiser.

Eles apertam-se as mãos. Lúcia sai do carro. Cristian, os olhos marejados, fica sozinho dentro do veículo.

82. INT. ESTÚDO DE PROGRAMA - DIA

No estúdio do programa talk-show de Abraão. Em uma cadeira está o apresentador. Na outra, em frente a ele, senta-se Cristian.

ABRAÃO

Hoje eu completo 35 anos de Programa do Abraão. E o meu convidado especial de hoje se chama Cristian Nazário.

(vira-se para Cristian)

Você, Cristian, é o primeiro brasileiro negro, e um dos poucos do mundo a escalar o Monte Everest. É um esporte de pessoas brancas, de alto poder aquisitivo: é coisa de branco. E você, classe média, negro, professor, resolve escalar o Everest.

(pausa)

Qual a relevância, qual você acha que é a relevância, se é que você acha que há alguma, de ser o primeiro brasileiro negro a escalar o Everest?

CRISTIAN

Eu posso ser o décimo quarto brasileiro, mas eu sou o primeiro negro dentre eles. E isso, Abraão, incomoda a metade branca desse país. Como você mesmo colocou, alpinismo é coisa de branco, o Monte Everest é coisa de branco. Mas eu ocupei o lugar mais alto do mundo, durou menos que meia-hora, é verdade, mas é muito mais que suficiente. Eu fui lá, onde só os brancos tinham ido. Por conta disso, eu estou agora ocupando essa cadeira e eu imagino que só pessoas relevantes ocupam essa cadeira, correto?

ABRAÃO

Qual foi o momento da escalada que você nunca mais vai esquecer?

CRISTIAN

O que eu nunca vou esquecer foi o que escutei quando cheguei lá em cima, eu nunca vou esquecer aquele silêncio. Eu lembrei de minha mãe, ela morreu quando eu tinha 17 anos.

ABRAÃO

E como foi que sua mãe morreu?

CRISTIAN

(pausa)

Suicídio. Ela se matou quando eu tinha 17 anos. Ela se suicidou. Eu tinha 17 anos quando isso aconteceu. Ninguém nunca falou disso lá em casa, ninguém nunca falou da morte dela.

83. INT. CASA VELHA DE MADEIRA - DIA

Vemos o programa passando na televisão e Cristian falando. Pelo reflexo no tubo do aparelho, num canto, percebemos um homem sentando assistindo.

CRISTIAN (V.O.)

Mas depois as coisas mudaram. Meu pai nunca mais bebeu e passou a cuidar da casa, coisa que ele nunca fazia. Ficou um sujeito calmo, toda aquela gritaria que sempre existia na casa, das brigas, da violência sumiram.

84. INT. ESTÚDIO DE PROGRAMA - DIA

Voltamos para o estúdio.

CRISTIAN

A casa vivia num silêncio que até hoje eu nunca entendi. Era uma casa de terror, ninguém falava da morte da mãe. Mas por outro lado, tinha uma calmaria que nunca tinha acontecido e que era boa. Depois que minha mãe morreu, a casa ficou em paz.

(pausa)

Eu olhava para meus companheiros de viagens, eles viam o branco, aquele infinito de branco, mas eu sabia que eles não escutavam o que eu escutava. Um silêncio profundo, marcado por muita tristeza e dor. Eu acreditava até hoje que só eu era capaz de escutar esse silêncio. Esse silêncio de dor pelo que me aconteceu no passado. Mas o passado de dor que eu estou falando, vai para bem antes da minha adolescência, vem desde antes de eu nascer. Estou falando de quem eu sou, dos genes fincados na dor de meus antepassados. Você não precisa ter passado pelo que eu passei pra entender do que eu estou falando. Você precisa ser negro.

85. INT. CASA VELHA DE MADEIRA - DIA

A entrevista encerra-se, o rosto de Cristian fica na televisão. Quem assiste ao programa é um senhor, negro, de 70 anos, chamado José.

José come um prato de arroz carreteiro sentado no sofá e vê, no tubo da televisão, pela primeira vez em mais de 20 anos, seu filho Cristian.

Fim

Capítulo 5

86. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - DIA

Véspera de Natal. É a primeira vez que Carol entra na casa de Amanda. É a primeira vez que as duas meninas se veem desde que Carol saiu da cadeia. Timidez.

AMANDA

E aí, o que aconteceu com você?

CAROL

Eles me liberaram hoje. Segundo o delegado, dois meses foram suficientes pra eu aprender.

AMANDA

Você tá bem?

CAROL

Você sabe tocar isso aí?

Aponta para o piano. Amanda aproxima-se dele.

AMANDA

Faz um tempo que eu não toco, já.

Amanda puxa um banquinho, senta-se e aproxima os dedos, de leve, dos teclados. Amanda fecha os olhos para a melodia. É "à primeira vista", de Chico César.

AMANDA

Quando não tinha nada eu quis/Quando tudo era ausência esperei/Quando tinha frio tremi/ Quando tive coragem liguei-

CAROL

(interrompe)

Eu sei que foi você.

Amanda para de tocar.

CAROL

Eu sei que foi você que pagou pra eu sair.

AMANDA

Carol, eu não sei do que você tá falando-

CAROL

(interrompe)

Você é a única pessoa que eu conheço que tem dinheiro. E a única que se importa. Eu vim aqui pra agradecer.

AMANDA

E o que você vai fazer agora?

CAROL

Voltar pra casa eu não vou. Não dá mais. Eu vou embora, eu vou mesmo. Venezuela, baby.

AMANDA

Eu vou com você.

Amanda olha muito séria pra Carol. Ela inclina o corpo para a frente, fecha os olhos e beija Amanda na boca.

CAROL

Me espera na esquina da sua casa, hoje, à meia-noite.

87. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE AMANDA - NOITE

No final da tarde, Amanda junta o dinheiro que tem escondido no armário, e joga- o dentro de envelopes na sua mala. Ela só leva o essencial de roupa.

Ela vai fugir nessa mesma noite.

88. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE CASAL - NOITE

Lúcia apanha em cima da cama de casal um pequeno embrulho. Ela abre-o e descobre um par de brincos e um bilhete assinado: "com carinho, Marcos Donato".

89. INT. CASA DE CRISTIAN/QUARTO DE CASAL/BANHEIRO - NOITE

Lúcia volta para o banheiro com o par de brincos, hesita em colocá-los. Quando os coloca, ficam irresistivelmente belos em seu rosto.

90. INT. HOTEL - NOITE

Perto da porta vê-se embrulhados alguns presentes de Natal. São três caixas, os presentes de seu Chiquinho, Amanda e Lúcia.

Na mesinha de cabeceira, uma taça de champagne, a televisão ligada passando um filme descontraído.

91. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

A família está reunida novamente. Celebram o Natal. Vê-se uma bela ceia posta na mesa. Todos riem de alguma piada que acaba de ser contada, e Lúcia propõe um brinde.

LÚCIA

Eu queria fazer um brinde. Apesar das coisas estarem diferentes, a gente sempre vai ser uma família.

(pausa)

Saúde.

Cristian, Amanda e Chiquinho brindam com seus copos, junto com Lúcia. As crianças com refrigerante, os adultos com vinho.

LÚCIA

Amanda, você quer dizer alguma coisa, filha?

Amanda atrapalha-se, não sabe o que dizer.

AMANDA

Bom, eu, olha-

A campainha toca. Lúcia e Cristian se entreolham.

CRISTIAN

Tá esperando alguém?

LÚCIA

Não.

92. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

Quando Lúcia abre a porta da frente, do outro lado há um senhor negro, de 70 e poucos anos, que espera ansiosamente.

LÚCIA

O senhor é?

JOSÉ

Eu sou o seu sogro.

LÚCIA

(pausa)

Seu José?

JOSÉ

Eu posso entrar?

O velho é sorridente, manso. Lúcia está em choque. José tem um pudim escondido por uma toalha nas mãos.

JOSÉ

Eu preparei esse pudim aqui, não é grande coisa, mas é feito com muito carinho.

LÚCIA

Claro, vamos entrando.

93. EXT. CASA DE CRISTIAN/QUINTAL - NOITE

Cristian e José, pai e filho, sentam-se à beira da piscina.

JOSÉ

Você já aprendeu a nadar?

Cristian fica de cabeça baixa, olhando somente para o reflexo dos dois na água. José olha diretamente para o filho.

CRISTIAN

O que você veio fazer aqui?

JOSÉ

Eu vim passar o Natal com minha família, filho.

CRISTIAN

Como você me achou?

JOSÉ

Isso importa? Eu estou aqui. Eu quero saber de você. Eu quero ver meus netos. Você nunca mais voltou pra casa. Não olha pra água, olha pra mim. Não tenha medo. Diz o que você tem pra dizer.

CRISTIAN

Tudo bem, o senhor pode passar o Natal hoje aqui com a gente. Mas por favor, eu te peço, não volta mais.

94. EXT. RUA - NOITE

O carro de Carol encosta na esquina da casa.

95. INT. CARRO DE CAROL - NOITE

Carol manda mensagens em seu celular para Amanda. Vemos que não é a primeira mensagem que ela manda. Olha para a casa, ansiosa.

96. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

Depois da ceia, a família reúne-se na sala de estar: é a hora de abrir os presentes. Lúcia, Amanda e Chiquinho sentam-se no sofá, entre José, em uma poltrona, e Cristian, do outro lado, em outra.

Em cima da mesa vemos várias garrafas de vinho vazias. O copo de José está pela metade.

JOSÉ

Chiquinho, dê lá pro seu pai. É o meu presente.

O velho entrega uma sacola grande, dessas de mercado, e passa-a para Chiquinho. O menino dá a sacola para o pai.

Cristian abre o pacote e mostra o presente para a família: uma jaqueta de couro.

CRISTIAN

É uma jaqueta que eu gostava muito quando era adolescente.

JOSÉ

Essa jaqueta tem um cheiro de couro que não dá pra esquecer.

(pausa)

Eu vou contar pra vocês a história dessa jaqueta. Ela era minha, e seu pai sempre pegava escondido pra sair pras festinhas. Teve um certo baile em Riacho Alegre, seu pai tava louco pra ir, mas já tinha arrumado confusão com uma moça de família de lá, não queria que ele fosse. Fomos só eu e sua vó, num fusquinha que a gente tinha. O baile tava animado, muita bebida. Eu bebi demais e a sua vó, que nunca tinha tomado nada na vida inteira, naquele dia bebeu, tomou cachaça, ficou ruim. Voltemos do baile, e quando tava na estrada de volta pra casa, nós dois tava de fogo e aí começamos a discutir, gritar, sua vó deu pra falar coisa que não devia.

E faltando assim, poucos quilômetros pra chegar na cidade, eu senti forte esse cheiro de couro, o cheiro da jaqueta.

(pausa aponta o dedo para Cristian)

Daí eu falei: "sai daí, moleque. Eu sei que você tá aí atrás. Sai daí." Seu pai tinha ido escondido pro baile no porta-malas do fusca.

Ele foi o caminho todo escutando as coisas que eu a sua vó falava.

AMANDA

O que ela disse?

JOSÉ

Disse que o Cristian não era filho dela, que era moleque de rua que eu tinha trazido pra casa, que era filho meu com mulher de estrada. Seu pai se levantou de trás do carro e partiu pra cima de mim, tava louco da vida, gritava, me esmurrava. Eu perdi o controle do carro, o fusca saiu da estrada, perdeu o controle, só foi parar quando deu no meio de uma árvore.

O velho parece acordar de um sono, olha ao redor como que despertando. Lembra-se de onde está.

JOSÉ

Vai chegando minha hora. Eu vou-me indo.

LÚCIA

O senhor tem pra onde ir? O senhor pode dormir aqui, tem lugar.

JOSÉ

Não, de jeito maneira.

LÚCIA

Você veio de carro?

JOSÉ

Se preocupa não. Tem um parceiro meu que vinha pra Curitiba e tá me esperando ali na esquina.

A família se levanta para acompanhar José até a porta. O velho lança um último olhar para Cristian, e vai embora da casa.

97. INT. CASA DE CRISTIAN/COZINHA - NOITE

Cristian está lavando a louça. Lúcia apoia-se na bancada com um copo de vinho na mão.

LÚCIA

Não precisa, hoje é Natal.

CRISTIAN

Eu quero, pode deixar.

LÚCIA

Tá tudo bem?

CRISTIAN

Sim, está tudo bem. Não é fácil, eu não via ele desde que tinha 17 anos.

LÚCIA

Você se saiu muito bem.

Lúcia pega um pano e começa a secar, enquanto Cristian continua lavando. As mãos dos dois vão se encontrando, nas passagens de copos e pratos.

LÚCIA

Eu acho que as criança gostaram dele. A Amanda principalmente, sabe como ela é com essas coisas. Uma hora o Chiquinho disse assim pra ele: "Vô, eu sei que você e meu pai são brigados, mas não se preocupe, ele é assim mesmo, tem que ter paciência". Acho que foi bom, Cristian. É bom as crianças saberem do vô.

CRISTIAN

Sim, eu também acho.

LÚCIA

Você acha que vai voltar a ver ele?

CRISTIAN

Eu não sei, Lúcia.

Cristian desliga a torneira, enxuga as mãos e o rosto.

CRISTIAN

Me desculpa.

LÚCIA

Tudo bem, eu entendo.

Eles ficam de frente um para o outro. Cristian dá um passo pra frente, o suficiente para eles colarem os corpos. Beijam-se. Nem se lembram da última vez que se beijaram, e a saudade está nesse beijo de agora.

98. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

Amanda, ao pé da escada da sala de jantar, vê o beijo dos pais. Um raio atravessa seu rosto.

99. INT. CARRO DE CAROL - NOITE

Carol envia uma última mensagem desesperada para o celular de Amanda. A resposta não vem. Chorando, ela liga o carro e vai embora.

100. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE JANTAR - NOITE

Amanda recebe a mensagem de Carol. Pega o celular. Olha novamente para o pai e a mãe na cozinha.

101. INT. CASA DE CRISTIAN/COZINHA - NOITE

Cristian e Lúcia estão juntos, colados um ao outro, as cabeças próximas. Sorriem.

102. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE CASAL - NOITE

Cristian observa o quarto, matando a saudade, sentindo a densidade do colchão, observando os detalhes. Tudo é novo, tudo é um recomeço. Ele está perto, muito perto de voltar pra casa, ele sabe disso, é essa sua expectativa. Mas Lúcia não vem. Lúcia demora.

103. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

Quando Lúcia entra na sala, ela vê a filha com os olhos cheios de lágrimas. Amanda está de pé, de frente para a mãe, tremendo.

AMANDA

Mãe, eu não quero fugir.

104. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTO DE CASAL - NOITE

Cristian esperou tempo demais. Ele estava sentado na cama. Levanta-se e sai do quarto. Algo está errado.

105. INT. CASA DE CRISTIAN/ SALA DE ESTAR - NOITE

Lúcia tenta acalmar Amanda.

AMANDA

Mãe, não faz isso, eu te peço, não faz isso. Não aceita ele de volta, ele é uma pessoa ruim.

LÚCIA

Amanda, calma, filha-

Amanda é a primeira a ver Cristian quando ele entra na sala. Lúcia está de costas, mas vira-se de imediato. Cristian caminha como uma avalanche na direção das duas.

CRISTIAN

Vai, continua.

AMANDA

Você é uma pessoa ruim, eu não quero ver você com a minha mãe, eu não quero ver você nesta casa! Você só faz a gente sofrer!

Cristian dá um tapa forte no rosto de Amanda.

Ele segura a filha forte pelo braço e acerta tapas e mais tapas em Amanda. A menina chora, tenta se soltar. Lúcia joga-se contra Cristian para acudir a filha, mas ele empurra-a com força para longe. Ele está descontrolado. Bate em Amanda como se fosse uma criança, bate na bunda, bate nos braços, tapas, sempre tapas.

LÚCIA

Cristian, pelo amor de Deus!

Cristian não para. Chiquinho aparece na sala, vindo de um sonho tranquilo direto para um pesadelo: vê o pai batendo em sua irmã, vê a mãe desesperada tentando contê-lo. Seus olhos parecem não acreditar.

LÚCIA

Chiquinho, corre! Pede ajuda!

Cristian vê o filho o encarando assim, como um monstro. Chiquinho põe-se a correr, o pai corre atrás. Nessa pega-pega, Chiquinho é mais rápido, ele toma todo impulso, e pela prática, consegue escapar pela porta da frente.

Amanda corre e se tranca no quartinho de Cristian. O pai avança para a porta do banheiro, tenta entrar. Lúcia, caída no chão, pega um telefone para ligar para a polícia. Cristian acerta chutes e mais chutes na porta do quarto. Pela fúria e pela força, é uma mera questão de tempo.

106. EXT. RUAS DO BAIRRO - MADRUGADA

Chiquinho é uma criança, de pijamas, perdido no meio da rua, no meio da noite. Ele corre a esmo pela rua deserta, nenhum som, nenhuma luz acesa. As casas iluminadas e decoradas de Natal estão todas dormindo. A criança corre, não sabe pra onde, mas corre. Então para, ameaça chorar, o rosto quer chorar, ele quer gritar, pedir socorro, fazer alguma coisa, mas não consegue. Ele engole o choro seco, não há tempo para o desespero.

Então cruza um carro, as luzes do farol cobrem Chiquinho, ele abre os braços e força o carro a parar. É o carro de Carol.

107. EXT. CASA DE CRISTIAN/ ESCADAS - NOITE

Chiquinho e Carol sobem correndo as escadas até a porta da frente. Carol vai na frente e tira da cintura um revólver.

108. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO - NOITE

Cristian arromba a porta. Amanda lá dentro joga-se contra a cama e tenta se proteger com os braços ao redor do corpo, mas em vão: o pai sacode-a de cima a baixo com pancadas.

CAROL

Solta ela.

Carol aparece na beirada do quarto. Cristian não escuta, continua a surrar Amanda.

CAROL

Solta ela, seu filho da puta!

Carol aponta a arma para Cristian e ele finalmente solta Amanda, que chora e grita. Lúcia entra no quarto e tira a filha de lá. Cristian encara a arma com olhos de lobo, de um animal.

CAROL

Você vai morrer.

Carol sai com Lúcia, Amanda e Chiquinho e o que fica é a figura de Cristian dentro do quarto, derrotado. Seus olhos não enxergam absolutamente nada. É impossível calcular o tamanho do desastre. Ele desiste, e deita na cama. É o fim do Natal.

109. INT. HOTEL/QUARTO - NOITE

Lúcia abraça os filhos na cama. Abraça forte, um aperto de mãe. Amanda e Chiquinho fecham os olhos e finalmente descansam nos braços dela.

Mas essa noite nunca vai ser esquecida.

110. EXT. RUA - DIA

A fachada da casa na manhã seguinte.

111. INT. CASA DE CRISTIAN/ QUARTINHO/BANHEIRO - DIA

Cristian está no banheiro, olha-se no espelho, segura alguns comprimidos na mão. Movimento rotineiro, remédio pra se acalmar, remédio para o câncer. Mas Cristian não engole, ele cospe, chega a quase vomitar e então abre todas as cartelas de todos os comprimidos e joga-os na privada. Cristian vê os comprimidos indo embora, volta a olhar para o espelho e surge a faísca de uma ideia tão negativa como a morte.

112. EXT. PRAIA - DIA

Vemos o mar de uma praia deserta. Há um único barco na água lá na frente e um único pescador jogando uma rede no mar.

Cristian sai do carro, estacionado direto na areia e chega perto do pescador.

CRISTIAN

Por favor, amigo. Posso conversar com o senhor um instante?

PESCADOR

Sim, pois não.

CRISTIAN

Você não me aluga este barco? Só por esta noite.

113. EXT. BARCO - NOITE

O barco vai direto para o meio do mar. Cristian está do lado de dentro, guiando, observando as estrelas. Tudo tão calmo, tudo tão sereno.

114. EXT. BARCO - NOITE - MAIS TARDE

O barco está parado. Cristian está em pé na beirada de madeira, fitando as águas escuras. Uma música vem pra gente, uma melodia tão doce, quanto melancólica: "É doce morrer no mar, nas águas verdes do mar". Ele sente o chamado das águas e se atira para morrer no mar.

Passam-se segundos agonizantes onde nada se ouve.

De repente Cristian agarra o casco da beirada e se joga para dentro do barco. Está encharcado, exausto. Finalmente, não há mais o que fazer senão chorar. E Cristian chora, copiosamente, tal qual uma criança. Chora para se expurgar.

115. EXT. PRAIA - DIA

Corpo molhado, calça molhada. Luz da primeira manhã, o sol ainda nascendo, iluminando o mar de onde Cristian voltou. Ele encara a imensidão de água na sua frente. É um novo dia.

Cristian liga o carro e sai da praia.

116. EXT. ESTRADA - DIA

O carro segue a estrada, atravessa as placas contrárias ao destino de Curitiba. Ele vai para onde deveria ter ido antes de tudo isso ter começado. Cristian segue o rumo para o interior do Paraná.

117. EXT. RUA - DIA

O carro estaciona na frente de uma casa de madeira, portão enferrujado, baixinho, só serve pra cachorro não fugir. E tem um cachorro neste quintal, já velho, que late anunciando o retorno do filho.

Cristian sai do carro e para na frente do portão.

CRISTIAN

Pai.

Aguarda. Ninguém vem. Precisa chamar de novo.

CRISTIAN

Pai.

De dentro da casa surge José. Primeiro olha para Cristian, reconhecendo seu filho. Depois caminha lentamente até a entrada e abre o portão. Os dois entram na casa.

118. EXT. CASA VELHA DE MADEIRA/QUINTAL - DIA

No quintal da casa, os dois preparam a carne do almoço. Cristian e José pegam a carne, picam, trabalham em sincronia, calma e silenciosamente, no embalo desse próprio lugar do interior do Brasil. José é o chefe, Cristian ajuda o pai. É um ritual de infância e adolescência que o corpo não esqueceu. José assobia uma melodia de Caymmi.

119. INT. CASA VELHA DE MADEIRA/COZINHA - DIA

Os dois comem a galinhada. Comida caipira, mais um copo de tubaína que José tinha guardado. Mesa de madeira, lugar simples. José e Cristian não se falam, não precisam. Ficam assim, compartilhando o almoço. Eles estão estranhamente à vontade um com o outro. Aceitam-se. José observa com zelo o filho comer.

120. EXT. TRILHA DO MATO - DIA

José guia o caminho, uma trilha de mato que desemboca em um pequeno rio. Nada muito bonito, nem muito formoso. Natureza dura, mas natureza também. Cristian segue o pai. O barulho do chinelo do velho é o que se escuta. Um cachorro vem junto com eles.

121. EXT. RIO - DIA

José tira a roupa, deixa-a de lado, tira as peças todas até estar inteiramente nu. José não olha pra trás, e vai para a água, pertencer.

Cristian vê-se criança mais uma vez, sem medo agora de entrar no rio. Chegou a hora. Ele tira a roupa também, deixa-as de lado, como o pai. Vai para a água. É raso, é tranquilo. A correnteza é um leve balançar. Banhar-se nesse rio é redentor. José lava a cabeça de Cristian. Depois, como crianças, pai e filho brincam na água.

122. EXT. CASA VELHA DE MADEIRA/VARANDA - DIA

Cadeira de fio, preparada para contemplar o dia, como faziam os antigos. Cristian e José ficam sentados observando a rua, os passantes, o sol, o dia, ainda com o corpo cheirando a rio. O

filho usa uma camisa do pai. Cristian vira-se para José e olha no rosto dele.

Agora é a vez do pai continuar olhando pra frente. José sabe que chegou o momento pelo qual ele esperou durante muitos anos.

CRISTIAN

Pai, eu preciso te dizer uma coisa. Você nunca foi mesmo uma pessoa que me ajudou. Você me machucou muito, e eu fiquei assim machucado por toda a minha vida. Você bebia, você batia. De tudo isso, você teve culpa. Mas naquela noite, naquela noite não. Você não matou minha mãe, disso você não teve culpa. Você não teve culpa do que aconteceu. Está tudo bem. São coisas que acontecem.

Dos olhos do pai escorrem lágrimas, que sabe Deus quanto tempo esperavam petrificadas. Eles se abraçam.

Cristian se levanta, e esboça um sorriso. Depois caminha para o portão e sai da casa. José fica olhando o filho partir.

123. EXT. ESTRADA DE CHÃO - DIA

É o final desse dia. Cristian não pegou o carro para voltar a Curitiba. Está em uma estrada de chão que parece levar ainda mais para o interior, é uma rua de ladeira dos boiadeiros, vê-se currais e pastos ao largo da estrada. Poeira, árvores, o sol e o céu.

Cristian caminha por essa estrada. Não tem camisa, não tem sapatos e vemos somente suas costas. Ele caminha de pé descalços. Pra onde ele vai, não sabemos. É fim de tarde.

Fim

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree

editoramaquinadeescrever.com.br
@editoramaquinadeescrever
editoramaquinadeescrever

[ROTEIRO DE CINEMA]

SINOPSE

Cristian Nazário abandonou a família para escalar o Monte Everest e agora retorna para casa com câncer terminal. Este retorno traz à tona sua conturbada relação familiar e toda a situação socialmente instalada no Brasil: ele é o décimo quarto brasileiro a ter escalado o Monte Everest. Mas o primeiro negro dentre eles.

OS AUTORES

Marçal Taques e Nando Sturmer são roteiristas e diretores formados pela Faculdade de Arte do Paraná, de Curitiba. Juntos, criaram e dirigiram a minissérie dramática "Rarefeito". Nando é também diretor e roteirista dos premiados curta-metragens "Quarentena" e "Dias de Gabi". Marçal e Nando criaram os projetos de pesquisa cinematográfica "O Material Fantasma e Transcendental" e "A Tela Eloquente". Marçal foi roteirista da minissérie "Contra Capa" (AXN) e do filme "A Constelação" (Diadorim Filmes), além de produtor de vários curtas-metragens premiados. Ambos trabalham com cinema e publicidade.

Avalie o livro neste QRcode

LEI PAULO GUSTAVO · A LEI ALDIR BLANC PARANÁ · BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ · cultura paraná · PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA · MINISTÉRIO DA CULTURA · GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO